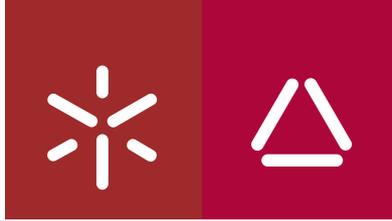


Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Bekia Vasconcelos Motta

**O traje no tempo da festa: uma breve análise
à Festa da Bugiada e Mouriscada de Sobrado**



Universidade do Minho
Instituto de Ciências Sociais

Bekia Vasconcelos Motta

**O traje no tempo da festa: uma breve análise
à Festa da Bugiada e Mouriscada de Sobrado**

Dissertação de Mestrado
Mestrado em Comunicação, Arte e Cultura

Trabalho efetuado sob a orientação da
Professora Doutora Emília Rodrigues Araújo

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho



Atribuição

CC BY

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

AGRADECIMENTOS

A realização deste trabalho não teria sido possível sem o apoio e a colaboração que recebi ao longo desse percurso, agradeço imensamente aos que participaram dele diretamente e indiretamente.

Em especial, agradeço a todos os entrevistados, que cederam seu tempo de forma generosa em meio a uma situação pandêmica.

Agradeço à minha família e amigos pelo ânimo que me sustentou ao longo dessa caminhada.

À Professora Doutora Emília Araújo, minha orientadora e maior incentivadora nesse processo, que sempre presente com seu conhecimento esteve comigo até sua conclusão, meu eterno agradecimento.

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

RESUMO

O traje no tempo da festa: uma breve análise à Festa da Bugiada e Mouriscada de Sobrado

A presente dissertação contempla uma análise aos figurinos da Festa Bugiada e Mouriscada de Sobrado. Esta festividade estrutura-se com base em elementos e materiais simbólicos sobre os quais repousa a sua capacidade celebrativa. Assim como a música e a dança, o vestuário é essencial na atribuição de estatutos, na definição de papéis e expectativas dos participantes da comunidade, contribuindo para a estruturação da atividade performativa e teatral da mesma. Destaca-se, neste estudo, a importância dos figurinos alusivos aos dois grupos que protagonizam a Festa Bugiada e Mouriscada, os Bugios e Mouriscos, por conterem elementos-chave para a construção da narrativa da festa. Estes figurinos são ferramentas de comunicação, que apresentam os símbolos necessários para o entendimento da festa. Situam-se a nível temporal através do *design*, eventualmente influenciados por tendências, que podem modificar-se ao longo dos anos. Também é analisada a relação construída na comunidade de Sobrado com os figurinos da festa, bem como todo o processo relativo ao seu desenvolvimento, que continua a ser transmitido de geração em geração. Desta forma, este trabalho propõe-se a investigar o vestuário utilizado na Festa Bugiada e Mouriscada. É seguida uma ordem cronológica traçada com base em documentos e em relatos dos residentes de Sobrado, obtidos através das informações e observações da investigadora durante o trabalho de campo. São analisadas questões como: a evolução dos figurinos ao longo do tempo, a indispensabilidade deste elemento matéria e o seu simbolismo, essencial para a construção dos tempos e espaços nas performances apresentadas em cena, assim como nas relações sociais da comunidade de Sobrado. O estudo é conduzido mediante o recurso de metodologia qualitativa, que inclui entrevistas e observações realizadas na freguesia de Sobrado, e finaliza com a apresentação dos desenhos correspondentes aos figurinos, realizados pela pesquisadora. As informações obtidas ao longo deste estudo permitiram concluir que a Festa Bugiada e Mouriscada não seria a mesma sem os figurinos, que sustentam grande parte da narrativa e comunicação da festa, dinâmica identificada também com a mesma relevância nas relações sociais dos que residem em Sobrado.

Palavras-chave: cultura, festa, figurino, identidade, tempo.

ABSTRACT

The costume at the time of the festivity: a brief analysis of the Bugiada and Mouriscada festivity in Sobrado

The present dissertation contemplates an analysis of costumes of the Bugiada and Mouriscada festivity, in Sobrado. This festivity is structured on the basis of symbolic elements and materials that sustain its ability to be celebrative. As well as music and dance, garments are essential in the attribution of statutes, in the definition of roles and expectations of participants and of the community, contributing to the structuring of its performative and theatrical activity. This work highlights the importance of costumes allusive to the two groups that play the main roles in the Bugiada and Mouriscada festivity, the Bugios and the Mouriscos, for containing key elements for the construction of the festivity. These costumes are communication tools, which present the symbols necessary for the understanding of the festivity. They are located at the temporal level through design, eventually influenced by trends, which can change over the years. It is also analyzed the relationship built in the community of Sobrado with the costumes of the festivity, as well as the whole process related to its development, which continues to be transmitted down from generation to generation. Thus, this work aims to investigate the garments used in the Bugiada and Mouriscada festivity. A chronological order is followed based on documents and reports from the residents of Sobrado, obtained through the information and observations of the researcher during the fieldwork. Questions such as: the evolution of costumes over time, the indispensability of this material element and its symbolism, essential for the construction of times and spaces in the performances presented on stage, as well as in the social relations of the Sobrado community, are analyzed. The study is conducted using qualitative methodology, which includes interviews and observations made in the parish of Sobrado, finalizing with the presentation of the drawings corresponding to the costumes, carried out by the researcher. The information obtained throughout this study led to the conclusion that the Bugiada and Mouriscada festivity would not be the same without the costumes, which supports much of the narrative and communication of the festivity, dynamics also identified with the same relevance in the social relations of those who reside in Sobrado.

Keywords: culture, festivity, costumes, identity, time.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO	1
1. PERCURSO METODOLÓGICO	7
2. ENQUADRAMENTO DO OBJETO DE ESTUDO: AS FESTIVIDADES E A INDUMENTÁRIA	
12	
2.1. As festividades enquanto património cultural.....	12
2.2. O papel da indumentária	14
3. ESTUDO EMPÍRICO SOBRE A FESTA BUGIADA E MOURISCADA E O TRAJE.....	17
3.1. A variação e inovação verificada no traje	17
3.2. A importância da indumentária na consolidação da identidade da festa	25
3.3. O envolvimento da comunidade na confeção e uso da indumentária.....	33
3.4. Bugios e mouriscos: o percurso dos trajes ao longo do tempo.....	36
3.4.1 Exército Mouró	36
3.4.2. Exército Cristão (Bugios)	55
CONSIDERAÇÕES FINAIS	68
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	71

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1 - Cronograma das atividades desenvolvidas.	9
Tabela 2 - Dados sobre os entrevistados.	10

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1 - Exército mouro anos 40	21
Figura 2 - Reimoeiro e o seu exército.	21
Figura 3 - Planta de linho seca, colhida em Sobrado	22
Figura 4 - Bugiada, nova geração	25
Figura 5 - Mouriscos, crédito: Gallop 1932	29
Figura 6 - Prisão do Velho da Bugiada	31
Figura 7 - Rei dos Bugios, desenho de Rodney Gallop	32
Figura 8 - Mourisqueiros e o Reimoeiro em fila	37
Figura 9 – “Dança de apresentação junto da casa do Reimoeiro”	38
Figura 10 – Os pares do exército mouro	39
Figura 11 - Acessórios do Reimoeiro	41
Figura 12 – Dragonas	42
Figura 13 - Barretinas Reimoeiro e Velho da Bugiada	42
Figura 14 - Reimoeiro e os Mourisqueiros	43
Figura 15 - Reimoeiro marchando	43
Figura 16 - Barretina ao longo dos anos	44
Figura 17 - Mourisqueiros, início do séc. XX.	45
Figura 18 – “Mourisqueiros dentro da igreja” (2016)	46
Figura 19 - “Reimoeiro, com a ajuda de antigos reimoeiros, veste o seu traje” (2018)	47
Figura 20 - Mourisqueiros, na procissão, carregam andor de S. João (2019)	48
Figura 21 - Traje Reimoeiro (2019)	49
Figura 22 – Reimoeiro, bordado no punho	49
Figura 23 – Ilustração Mourisco	50
Figura 24 - Ilustração Reimoeiro	51
Figura 25 - Desenhos técnicos Mouriscos	52

Figura 26 - Desenhos técnicos acessórios dos Mouriscos	53
Figura 27- Desenhos técnicos Reimoeiro.....	54
Figura 28 - Desenhos técnicos acessórios do Reimoeiro	55
Figura 29 - Bugios na festa de 2019	56
Figura 30 – Exército dos Bugios.....	57
Figura 31 - Primeiro manto, Velho da Bugiada	58
Figura 32 - Segundo manto, Velho da Bugiada	59
Figura 33 – Bugios, pai e filho	60
Figura 34 – Preparação, Velho da Bugiada (2019)	61
Figura 35 - Velho da Bugiada na festa (2019)	61
Figura 36 - Dragonas Velho da Bugiada (2019)	62
Figura 37 – Barretina Velho da Bugiada (2019)	62
Figura 38 - Barretina de 1996, exposta no Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada	62
Figura 39 – Ilustração Bugio.....	63
Figura 40 – Ilustração Velho da Bugiada	64
Figura 41 - Desenhos técnicos Bugios I.....	65
Figura 42 - Desenhos técnicos Bugios II.....	65
Figura 43 - Desenhos técnicos acessórios dos Bugios	66
Figura 44 - Desenho técnico Manto do Velho da Bugiada.....	67
Figura 45 - Desenhos técnicos acessórios do Velho da Bugiada.....	67

INTRODUÇÃO

Esta dissertação versa sobre o vestuário¹ dos participantes na Festa Bugiada e Mouriscada de Sobrado. Anualmente ocorre no dia 24 de junho, na Vila de Sobrado, concelho de Valongo, no noroeste de Portugal, a Festa Bugiada e Mouriscada de Sobrado, intitulada também por São João de Sobrado. É reconhecida por ser uma manifestação cultural que narra com enorme riqueza de detalhes simbólicos a lenda da disputa entre mouros e cristãos pela imagem milagrosa de São João. “Trata-se de uma manifestação cultural multidimensional e de grande densidade simbólica e social...” (Pinto et al., 2016, p.1). A festa dá-se por uma representação teatral que remonta ao tempo em que os muçulmanos ocuparam parte da Península Ibérica, podendo ter o seu início estimado por volta do séc. XVIII. Por se tratar de uma das festas religiosas mais antigas e populares da Europa, sem documentação que comprove a sua data de início “...tanto quanto se conhece hoje, não conta com referências ou registos antigos” (Pinto, 2013, p. 5).

Entretanto, sabemos que a festa tem sido preservada ao longo do tempo pela comunidade de Sobrado, mantendo-se nos moldes tradicionais que são fortalecidos a cada ano. Como referido por Ribeiro, Pinto e Lima (2019). “Ela é nossa! – dizem os bugios aos saltos na festa de São João de Sobrado. Não é certo a que se referem, se à imagem de São João que disputam com os mourisqueiros, se à própria festa” (Ribeiro, Pinto & Lima, 2019, p. 1). A festa não é apenas uma tradição, mas uma declaração de identidade e uma celebração comunitária, para a qual recursos consideráveis (materiais, tempo e dinheiro) são dedicados. “...é uma manifestação cultural que se enquadra nas festividades populares cíclicas e nas festas ou danças de mouros e cristãos” (Pinto et al., 2016, p. 1).

Para que se entenda o tempo em que a festa se insere, período que retrata as invasões dos mouros na Península Ibérica, no qual parte desta região é conhecida atualmente como o Concelho de Valongo. “Uma coisa é certa: as festas de mouros e cristãos são antigas, não apenas na península Ibérica, mas noutras partes da Europa e com expansão europeia, no Brasil e em toda a América Latina e até em África” (Krom, 2012, cit. em Pinto 2013, p. 6). A lenda nos conta, segundo Pinto (2000), que a filha do Reimoeiro adoeceu gravemente e, sem haver mais esperanças para a sua salvação, foi então sugerido ao rei dos mouriscos que recorresse aos cristãos, para que eles lhe emprestem a imagem milagrosa de São João, conhecida por já ter operado milagres antes. Ficou, então, acordado o

¹ Ao longo da dissertação usam-se os termos vestuário, indumentária e traje.

empréstimo da imagem milagrosa. Quando a filha do Reimouro se curou, foi oferecido um banquete aos cristãos para agradecer pelo milagre recebido. Mas, nessa comemoração o comportamento dos mouros deixou claro que não havia intenção de lhes devolver a imagem do Santo e, com o conflito declarado, inicia-se a guerra travada entre os dois exércitos. “A relação de antagonismo e de alteridade é muito evidente na festa de Sobrado, com mouros e cristãos (Bugios) a constituir-se como grupos contrastantes” (Pinto et al., 2016, p. 3).

A festa configura-se da seguinte forma: o exército dos mouriscos formados por jovens rapazes solteiros, em que o número dos participantes pode variar por volta dos quarenta pares, sendo liderados pelo reimoeiro. “De cara descoberta, são jovens apumados e armados com espadim, que marcham ao ritmo definido pelo seu chefe...” (Cunha, 2019, p. 41). O grupo dos bugios é composto por cerca de quinhentos participantes, mais o Velho da Bugiada, líder dos cristãos “Desordenado e indisciplinado, tendo uma máscara como componente obrigatória do traje colorido e pouco militar...” (Cunha, 2019, p. 41). Esses dois grupos protagonizam a festa, que se inicia às oito horas da manhã e segue um roteiro disciplinado até ao final do dia, com os horários respetivamente estipulados a serem seguidos, movidos pelo ritmo constante das músicas e danças típicas desse ritual, a narrativa da história da *Bugiada e Mouriscada* vai sendo contada (Valongo Câmara Municipal, 2019).

As sucessivas danças do S. João de Sobrado integram parte da antiga tradição europeia designada por “festas ou danças de mouros e cristãos”. Estas performances são desenvolvidas em movimentos próprios, relacionados com a identidade de cada grupo, sendo a indumentária um complemento na execução destas coreografias. Ao som do “tambor” em ritmo militar os mourisqueiros se apresentam “...desde a indumentária e apresentação às danças, remete para a disciplina, a ordem, a força e a conteção” (Pinto et al., 2016, p. 4). Em contraste os bugios com trajes fluidos e coloridos, performam ao som de violinos e violas “...enchendo a manhã de uma atmosfera onírica” (Pinto et al., 2016, p. 5).

Este é o dia do ano mais aguardado pelos sobradenses, que vivem a festa e para a festa de forma intensa, por “paixão” palavra muito repetida na comunidade para falar da ligação à festa.

A paixão é aquilo que é mais difícil de explicar. Para mim a paixão é aquilo que nós sentimos e vivemos no nosso extremo de fantasia em que nós (...) a paixão, a paixão é aquela situação em que tu sabes que chegas àquele dia e sabes que vais participar naquilo que tu gostas e que te diz muito (residente

em Sobrado, participante da festa da Bugiada e Mouriscada, citado em Araújo, Silva & Ribeiro, 2019, p. 95).

É interessante notar que se trata de uma festa rica em códigos e elementos simbólicos que são apresentados na sua narrativa, nas danças, nas músicas e nos trajes. Por se tratar de uma festa antiga, o seu “tempo” é reproduzido e revivido todos os anos segundo os moldes mais próximos de que se tenha informação. Por isso, o nosso objetivo central com estudo assenta no valor material e simbólico dos figurinos que são utilizados para a construção dessa história, identificando-o como elemento fundamental para comunicar a narrativa da festa. Definiu-se, como objetivo, prover a descrição e a interpretação dos processos de produção e uso dos trajes na festa da Bugiada e Mouriscada de Sobrado, numa perspetiva temporal e espacial, tendo como objetivo específico descrever a evolução da indumentária usada na Festa Bugiada e Mouriscada de Sobrado, destacando como se dão e quem interfere nos processos de *design*, confeção e arranjo dos trajes (também designados como fardas), de modo a esclarecer sobre:

- 1.** A variação e inovação verificadas no traje da festa e o modo como são interpretados pelos diversos atores e participantes;
- 2.** A importância dos trajes para a comunidade como elemento consolidador da festa da Bugiada e Mouriscada, apresentados pelos vários intervenientes e participantes;
- 3.** O envolvimento da comunidade nos processos de confeção e uso da indumentária;
- 4.** A importância do processo de produção e de criação dos trajes para a comunidade;
- 5.** A relevância do traje na estruturação do tempo e na constituição do valor simbólico e celebrativo da festa.

A consolidação destes objetivos é atingida, mediante a procura pela análise da importância da produção e da criação dos trajes na constituição da festa, nomeadamente na conceção do figurino e a caracterização específica dos figurinos dos Bugios e Mouriscos, ao longo do tempo.

Nesse universo onde as fardas, “Termo usado para referir os trajes usados por Bugios e Mourisco” (Pinto, 2014, p. 7), da festa estão inseridas, analisa-se neste texto, pelo olhar etnográfico, aspetos como: as relações sociais que envolvem todos os processos que o trabalho do figurino demanda a nível individual e coletivo, passando pelos processos de resgate às tradições, utilizando da

memória da comunidade e a forma que as fardas estão presentes no cotidiano das famílias de Sobrado.

Temos em conta a criação e os limites que devem ser respeitados quando se criam e recriam as fardas a cada ano, o processo de compra de materiais, os tecidos, os adereços, as tendências e as mudanças estéticas que sofreram com o tempo, o ofício do alfaiate que confeciona as fardas da comunidade e sua importância para a mesma, entre outras questões abordadas. São múltiplos os fatores que envolvem a produção de um figurino tão complexo e cheio de simbologias, que permeiam o imaginário e a vida dessa comunidade, por isso, a par de não se ter encontrado nenhum estudo que aborde estas questões, esta investigação assume ser pertinente. Para além disto, revela-se inovador no sentido em que foram feitos desenhos, ilustrações e desenhos técnicos que facilitam a imersão no tema, sendo utilizados ao longo do texto, junto com a descrição dos trajes da festa.

Importa assim, pensar na dimensão simbólica do vestuário, tornando-se um processo identitário como o caso das festas e, em particular, da festa Bugiada e Mouriscada de Sobrado. Neste sentido, Santos (2016) informa que o vestuário não se limita a condensar qualidades pessoais, mas também grupais, sendo que no caso das festividades a roupa poderá testemunhar a pertença a uma determinada comunidade, grupo ou subgrupo, comportando o significado do papel que o indivíduo representa dentro da sociedade. Segundo Cruz, Menezes e Pinto (2008):

Os adereços e indumentárias produzidos e usados nas festas populares também são carregados de simbologia, traduzem a herança cultural e são entendidos com bens simbólicos. (...) As festas populares, nesse sentido, são carregadas de simbologia, que são transmitidos, ao longo dos anos, por meio dos instrumentos, danças, indumentárias que são produzidos por aqueles que participam das manifestações (p. 24-25).

A Bugiada a cada ano tem atraído mais turistas e pesquisadores interessados em entender e vivenciar o que se passa naquela vila de tão especial e único no dia de São João. Esse foi o caso de Rodney Gallop, que descreve com riqueza de informações em seu livro os figurinos das personagens da festa, ele diz:

Os *Bugios*, como eram chamados, trajavam com capas de cores garridas, casaco tipo gibão cintado e abotoado e calça curta, pelo meio da perna (alugado, de facto, num figurinista de teatro do Porto). Todos usavam máscara, algumas com caras de animais e, na cabeça, traziam chapéus de cavaleiro adornados com fitas de papel e culminando numa cascata de fitas como aqueles que usavam os

mascarados ingleses. Nas mãos, cada qual trazia algum objecto doméstico ou ligado à agricultura. Assim como os *Mouriscos* eram contidos e ordenados, estes eram um tanto rudes e violentos no comportamento (Gallop, 1936/1961, p. 55, cit. em Pinto, 2011).

O ato de vestir é também uma manifestação cultural, já que cultura é “um modo de vida” particular de cada localidade, toda a sociedade tem o seu imaginário próprio e a cultura é manifestada no imaginário das pessoas (Linke, 2013). Com a finalidade da comunicação universal, o vestuário como elemento da moda, traje popular ou um figurino cénico, tem por ordem sempre conter identidades culturais e códigos além do que aparentam, chamado de “linguagem do vestuário” (Johnson, 2016).

No passado, a palavra “traje” abrangia todos os sentidos designados ao estilo e costume de um indivíduo ou grupo se vestir, exatamente por refletir através das roupas onde na sociedade o indivíduo se insere (Kuper, 1973). Com o passar do tempo, o termo é substituído por vestuário, roupas de uso quotidiano. Passando o termo “traje” a ser utilizado para referir a roupas incomuns, com a função de mudança de identidade, como os trajes teatrais (Embry, 2018). Diferentemente da roupa que segue a moda/tendência, o traje popular tem como função manter-se intocado para que seja passado de geração em geração, respeitando a tradição sob o controlo da comunidade, garantindo que o seu significado não se perca em grandes modificações. Para que a indumentária se torne um traje popular é preciso um processo de apropriação do indivíduo junto ao coletivo que, quando permanente, passa a ter uma simbologia incorporada coletivamente em determinadas práticas com certos objetivos (Kwaky-Opong & Adinku, 2013).

Importa refletir em torno da estrutura deste trabalho que está dividido em 3 capítulos, para chegarmos até ao objeto investigado, os fatos da Bugiada e Mouriscada. Assim, debruçamo-nos no primeiro capítulo sobre o percurso metodológico, seguido do enquadramento do objeto de estudo – as festividades e o vestuário. Faz-se um breve enquadramento ancorado em autores como: Bakhtin (1996), Canclini (1999), Duvignaud (1983), Baudrillard (1996), Crane (2006), Lipovetsky (2002).

No terceiro capítulo, desenvolve-se o estudo empírico sobre o vestuário usado na festa Bugiada e Mouriscada. Aborda-se o grau de variação e inovação verificado na indumentária da festa, o modo como é interpretado pelos diversos atores e participantes, bem como a importância do vestuário na consolidação da identidade da festa. É, também, abordado o grau de envolvimento da comunidade nos processos de confeção e uso da indumentária, a relevância do traje na estruturação do tempo da festa

e a importância da produção e da criação dos trajes na constituição da festa. Seguidamente, é analisada a importância da produção e da criação dos trajes na constituição da festa. Por fim, é feita uma descrição dos figurinos a partir de ilustrações e desenhos técnicos realizados pela investigadora com a finalidade de documentar os trajes da festa. Termina-se com a conclusão e referências bibliográficas usadas ao longo da investigação.

1. PERCURSO METODOLÓGICO

Esta dissertação seguiu fundamentalmente a metodologia qualitativa etnográfica através da observação direta. Abordagem que privilegia o trabalho em campo da investigadora como instrumento condutor, tendo como fonte principal a interação estabelecida no terreno entre a pesquisadora e os indivíduos (Marietto, 2018).

A pesquisa etnográfica permite a descrição pela escrita do que se observa de um determinado grupo e da sua cultura, que avalia tanto o seu passado, o presente, podendo ser projetado até o futuro (Salek, 2017). O observador não transcreve apenas o outro, cabe-lhe o esforço de conduzir a sua observação com sensibilidade e conhecimento do estudo em causa, utilizando nesse processo da sua imaginação, onde é cabível utilizar as suas sensações pessoais e o seu olhar próprio, que foi construído ao longo do processo (Mattos, 2011). Desta forma, a narrativa do texto faz com que o leitor fique mais aproximado do que se vivenciou durante o trabalho de campo. Podemos dizer que o “exercício da escrita criativa” unificada aos documentos reunidos na pesquisa acabam por fundamentar informações obtidas no terreno, colaborando para entendimentos mais amplos.

Os textos antropológicos são eles mesmos interpretações e, na verdade, de segunda e terceira mão. Trata-se, portanto, ficções; ficções no sentido de que são ‘algo construído’, ‘algo modelado’ – o sentido original de *fictio* – não que sejam falsas, não-factuais ou apenas experimentos de pensamento (Geertz, 1989, p. 25).

Foram assim, utilizadas técnicas que incorporam a metodologia etnográfica de modo a conduzir este trabalho, utilizando sempre o registo no diário de campo, ferramenta onde a investigadora documentou todas as experiências vistas e ouvidas em Sobrado. Esta ferramenta foi imprescindível para a análise das entrevistas, facilitando um reencontro a nível pessoal com as sensações vivenciadas no decorrer do processo. Adentro ao universo da Festa Bugiada e Mouriscada, antes do primeiro contacto presencial com a comunidade e a Vila de Sobrado, a investigadora pôde conhecê-la quando a festa da Bugiada foi apresentada em sala de aula na Universidade do Minho como sendo referência no âmbito dos estudos culturais. Por ser estrangeira, e sem ter alguma relação com Sobrado, constituíram-se num primeiro momento muitos desafios, porém as diferenças relativamente a este meio novo fez-se vantajosa, no que diz respeito a apreender quais são as características mais evidentes que interligam a festa à identidade dos sobradenses.

O estudo empírico teve início no ano de 2019, com o acompanhamento dos preparativos, a um

mês do dia de São João quando a investigadora pôde presenciar os ensaios das danças dos mourisqueiros e bugios que acontecem todos os anos. São ensaios que dispensam o uso dos figurinos, pois os trajes da festa só são usados no dia 24. Neste primeiro contacto com a comunidade, começou a entender-se o que a festa significa para a mesma, o sentimento de “paixão” tão citado pelos que fazem e vivem a festa como extensão das suas vidas. Foi, também, perceptível o envolvimento dos sobradenses ao acompanhar o ensaio atentos, ouvia-se frases como: “Tal Reimoeiro era mais imponente, dançava melhor...” ou “No meu tempo os Bugios respeitavam a tradição da festa”. Quando percorremos as ruas de Sobrado, nota-se que se comenta muito o vestuário da Bugiada e Mouriscada, entendendo desta forma que este elemento é o articulador do espaço temporal da festividade – enquanto evento que acontece num determinado tempo e cujo significado está intimamente ligado ao seu acontecimento, o vestuário tem o poder de gerar alta expectativa todos os anos na comunidade.

Para analisar todo o processo que envolve os vários contextos de produção e uso dos trajes da Bugiada e Mouriscada, foram realizadas entrevistas pela pesquisadora durante a festa de 2019, bem como no decorrer do ano de 2020. As entrevistas permitiram identificar os momentos de inovação no próprio vestuário, assim como nas redes de relacionamento da própria comunidade.

Optou-se, também, pela utilização de fotografias e de desenhos ao longo do texto, para que sirvam de condução ao entendimento do percurso feito nesta trajetória. No entanto, nos anos de 2020/2021 a festa não ocorreu, dadas as interferências decorrentes do covid 19, que culminaram em inesperados desafios ao longo do percurso. Nesse período, a investigação seguiu com muitas limitações, o trabalho de campo passou a ser *online*, assim como as entrevistas e a pesquisa documental, só sendo possível retornar a Sobrado para mais uma última visita presencial. A interrupção do processo de investigação *in loco* impossibilitou a pesquisadora de explorar o manuseio das peças do figurino da festa. Entende-se que muitas das observações teriam sido feitas pelo contacto físico dos trajes da festa, como o desgaste e a variedade dos tecidos utilizados, os acabamentos, e os aviamentos que compõe cada traje. Todos estes detalhes passam despercebidos nos registos fotográficos. Por este motivo, procurou-se sempre adotar uma postura que favorecesse a partir do material obtido e o “diálogo” entre a transcrição da investigadora, sobre as dimensões sentimentais e sensoriais narradas e vividas junto a comunidade de Sobrado.

Neste sentido, esta dissertação reflete as observações mencionadas, sendo ancorada no processo de imersão às viagens a Sobrado, que foram repletas de experiências simbólicas em todos os encontros, marcados pelas histórias que foram contadas e assistidas pela investigadora. Na tabela

abaixo apresentam-se as principais atividades desenvolvidas ao longo deste percurso.

Tabela 1 - Cronograma das atividades desenvolvidas
Fonte: elaborado pela autora

Calendarização	Atividade	Descrição
25-05-2019	<ul style="list-style-type: none"> Primeira visita a Sobrado. Observação direta em Sobrado/ensaio das danças da festa (Bugios e Mourisqueiros). 	<ul style="list-style-type: none"> Observação das danças da festa; Recolha de materiais: entrevistas com moradores, anotadas no diário de campo; Registos fotográficos.
12-06-2019	<ul style="list-style-type: none"> Visita ao ateliê do Sr. X. 	<ul style="list-style-type: none"> Entrevistas com pessoas ligadas à confecção de vestuário; Registo fotográficos da produção dos figurinos da festa, tanto Bugios como Mourisqueiros; Registos em áudio e vídeo.
20-06-2019	<ul style="list-style-type: none"> Visita ao ateliê do Sr. X. 	<ul style="list-style-type: none"> Análise do processo da confecção dos figurinos, acabamentos, prova de roupa e entrega dos figurinos; Registos fotográficos e em vídeo.
24-06-2019	<ul style="list-style-type: none"> Festa São João de Sobrado. 	<ul style="list-style-type: none"> Análise por meio da observação direta; Registo no diário de campo, de entrevistas recolhidas ao longo da festa - direcionadas aos moradores de Sobrado; Registo da festa em fotos e vídeos.
03-04-2020	<ul style="list-style-type: none"> Reunião online, projeto <i>Festivity</i>. 	<ul style="list-style-type: none"> Reunião com integrantes do projeto que estuda a festa, análise de como seguir com a pesquisa devido ao cancelamento da festa e como isso repercutiu em Sobrado; Informações anotadas no diário de campo.
08-06-2020	<ul style="list-style-type: none"> Entrevista online com o Dr. PM (Diretor do Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada). 	<ul style="list-style-type: none"> Entrevista gravada no formato vídeo; Foram ressaltados tema como a importância do CDBM, e o trabalho de preservação do património cultural da festa, assim como os figurinos que ficam expostos no centro cultural;
28-08-2020	<ul style="list-style-type: none"> Visita presencia ao Centro de Documentação Bugiada e Mouriscada. 	<ul style="list-style-type: none"> Entrevista com informantes chave em gravação de áudio da entrevista, vídeos e fotos de fotografias que são fixas no centro de documentação, e da exposição corrente no dia em que visitei. Foram feitos vídeos e fotos, dos figurinos expostos referentes a festas de outros anos e os utilizados festa de 2019. Foram recolhidos por fotos documentos escritos, como: passagens sobre a festa citadas em livros e artigos que estão no acervo de documentos do Centro de Documentação; Visita a exposição: "Bugios e Mourisqueiros em Registos Fotográficos" da autoria de André Rocha Ferreira.
10-12-2020	<ul style="list-style-type: none"> Entrevista ao telefone com o Diretor da Casa dos Bugios, AC. 	<ul style="list-style-type: none"> Registo da entrevista anotado no diário de campo, seguido por fotos cedidas via telemóvel do processo pessoal de criação e produção do seu figurino como Bugio no ano de 2019, fotos do acervo pessoal/familiar em outros anos da festa.

Foi possível presenciar o trabalho do alfaiate responsável pelas fardas no ano de 2019, no processo de confecção durante o período que antecede a festa. Foram, também, realizadas entrevistas a pessoas que estão, ou estiveram, no processo de produção dos trajes, como os participantes e organizadores da festa. Todo este material foi documentado, utilizando-se do recurso do diário de campo, ferramenta indispensável que acompanhou todo o processo empírico da pesquisadora.

Para as explicações e comparações que marcaram a passagem do tempo do figurino da Bugiada e Mouriscada, foram utilizadas fotografias e relatos retirados de entrevistas, de artigos e de

livros, pressupondo o acompanhamento do processo dos figurinos até os dias de hoje.

A utilização das fotografias e dos vídeos/documentários foram essenciais nesta pesquisa. As redes sociais e blogues possibilitaram o acesso a este material, assim como artigos publicados e livros que documentam a festa da bugiada foram de extrema importância para o aprofundamento do objeto de estudo. Segundo Marietto (2018), este tipo de ferramentas permite uma análise rigorosa que complementa a vivência da investigadora em campo. A utilização destes meios tem como finalidade acrescentar informações que não são possíveis serem observadas no terreno. Adicionalmente, esta técnica de recolha de documentos, designada como observação não participante, permite à investigadora recorrer a estes sempre que necessário ao longo do estudo.

“A Observação Não Participante com o uso da TI tende a diminuir diversas limitações do método de Observação Participante” (Marietto, 2018, p. 9).

Além destes, os materiais produzidos pela investigadora no decorrer do trabalho de campo e de todo o processo são expostos ao longo do texto, com a intenção de complementar e responder aos objetivos deste trabalho. Na tabela 2, constam as informações sobre as entrevistas realizadas, sendo sinalizada a identificação numérica de cada entrevistado ao longo do texto.

Tabela 2 - Dados sobre os entrevistados
Fonte: elaborado pela autora

CLASSIFICAÇÃO	IDADE	PAPEL NA FESTA
E1	31 anos	Reimoeiro
E2	36 anos	Reimoeiro
E3	55 anos	Velho)
E4	54 anos	Velho
E5	-	Velho
E6	35 anos	Reimoeiro
E7	72 anos	Velho
E8	48 anos	Velho

Todo este material foi adquirido de modo a estabelecer e a discernir os padrões de continuidade e mudança com relação à relevância que o figurino traz consigo como elemento comunicador, internamente e externamente, para que a festa possa acontecer. Também são apresentados, neste trabalho, desenhos ilustrativos das fardas utilizadas pelos mourisqueiros e bugios, assim como desenhos técnicos dos mesmos, executados pela investigadora, com a finalidade de

documentar neste formato ainda não ocorrido antes. Importa referir que é mantido o anonimato dos entrevistados, bem como é protegido o rosto nas imagens capturadas ao longo da realização do trabalho de campo da investigação. Apenas não se aplica o referido anteriormente nas imagens retiradas da exposição do Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada, que é aberta ao público.

2. ENQUADRAMENTO DO OBJETO DE ESTUDO: AS FESTIVIDADES E A INDUMENTÁRIA

2.1. As festividades enquanto património cultural

Tal como referido, o objetivo desta dissertação é entender o papel do vestuário e percebê-lo como um fenómeno social total, no quadro da festividade que analisamos. Partimos assim, do pressuposto que importa, primeiramente, entender o conceito de “património”. Este é um conceito que se refere a todos os recursos que se herdam, bens mobiliários e imobiliários, capitais, entre outros. O objetivo do património é garantir a sobrevivência dos grupos sociais e a criação de laços entre as gerações. Deste modo, tem-se em conta que o património, enquanto legado, pode ser acumulado, perdido ou transformado de uma geração para a outra (Pereiro, 2006).

Hoje em dia, as questões relacionadas com o património cultural são complexas. Em *Los usos sociales del patrimonio cultural*, Canclini, (1999) é abordado o tema sob diversas perspetivas. Destaca que o património cultural também é utilizado como uma ferramenta mercantilista “este modelo corresponde a uma estética exibicionista no restauro: dos critérios artísticos, históricos e técnicos estão sujeitos à espetacularidade e o uso recreativo do património para aumentar sua performance económica” (p. 23). Esta lógica considera o património cultural como uma ferramenta mercadológica que serve ao “outro”, o autor cita o turismo cultural como um dos exemplos deste mercado contemporâneo. No que diz respeito a preservação de um património cultural, Canclini exalta a hierarquia sobre a questão dos valores associados. Diferentemente da perspetiva anterior, onde o património cultural é objetificado pelo consumo e estética. Quando se trata de conservação, o autor enfatiza que este património cultural deve atender as necessidades dos indivíduos em primeiro lugar. “A preservação dos bens culturais nunca pode ser mais importante do que a das pessoas que precisam dele para viver...” (p. 28).

Uma das dimensões importantes do património imaterial diz respeito às festividades populares. Atuando sobre a preservação dos costumes e tradições de uma coletividade, as festas têm a capacidade de efetuar uma permanente mediação entre o passado, presente, fantasia, realidade, sagrado e profano, pondo em destaque os modos de articulação das relações individuais e coletivas (Amaral, 1998).

Segundo Eliade (2001), as festas podem ser percebidas como espaços que facilitam a

continuidade da comunidade no tempo. Como diz o autor:

Há por outro lado, os intervalos de Tempo sagrado, o tempo das festas (na sua grande maioria, festas periódicas); por outro lado há o tempo profano, a duração temporal ordinária na qual se inscrevem os atos privados de significado religioso. Entre essas duas espécies de tempo, existe, é claro, uma solução de continuidade, mas por meio dos ritos o homem religioso pode “passar”, sem perigo, da duração temporal ordinária para o Tempo sagrado (Eliade, 2001, p. 63).

Assim, as festividades correspondem a momentos de celebração e incorporam algum tipo de desordem e de inversão. A possibilidade de propiciarem a transgressão às regras da sociedade é, aliás, uma função relevante das festas. “É a exploração espectacular duma subversão radical onde tudo serve para exprimir: o corpo, os enfeites, o vestuário, os modos, e os símbolos incongruentes ou chocantes” (Balandier, 1999, p. 110). Ao mesmo tempo tornam-se momentos de celebração fundamentais, que contribuem para a consolidação da memória coletiva, funcionando como espaços tempos de atualização identitária.

As festividades de carácter religioso têm um papel fundamental na organização da vida das comunidades ao longo da história. O seu papel é vital na dinamização dos usos do tempo dos vários grupos nas comunidades (Araújo, Silva, & Ribeiro, 2019, p. 93).

Sobre este tema, Mikhail Bakhtin (1996) cita que as festas populares assumem grande importância justamente porque são “tempo livre absoluto”. O autor diz que através da festa:

O indivíduo parecia dotado de uma segunda vida que lhe permitia estabelecer relações novas, verdadeiramente humanas, com os seus semelhantes. A alienação desaparecia provisoriamente. O homem tornava a si mesmo e sentia-se um ser humano entre os seus semelhantes. O autêntico humanismo que caracterizava essas relações não era em absoluto fruto da imaginação ou do pensamento abstrato, mas experimentava-se concretamente esse contato vivo material e sensível (Bakhtin, 1996, p. 9).

Percebe-se assim que a grande dinâmica social que ocorre nas festas populares é a de integrar os indivíduos, não havendo separação entre atores e espectadores. Esta ação coletiva faz-se a partir da compreensão individual e da integração coletiva (Durkheim, 1968).

Para Duvignaud (1983), a festa configura um mundo paralelo à realidade, com ausência de regras, sendo por esse motivo que se dissocia da vida quotidiana. A festa tem o poder de causar no indivíduo a sensação de liberdade, de que tudo é possível, podendo ser manifestada de forma extrema

através da violência e desejo, atos que levam a sociedade de encontro com a sua essência mais primária da condição de seres humanos. Tem como uma das principais funções expor questões a serem mudadas ou renovadas nas sociedades.

Harvey Cox (1969), em seu livro *The feast of fool*, relata que no período da idade média na Europa em diferentes locais surge uma festa conhecida como *A Festa dos Foliões*, tinha por característica principal subverter o *status quo*, ao mesmo tempo em que era “suspensa” a vida comum daquela determinada comunidade enquanto a festa durasse. “Durante a Festa dos Foliões, não havia costume nem convenção que não se expusesse ao ridículo, e até as personalidades mais credenciadas da região não conseguiam subtrair-se à sátira” (citado em Vieira, 2005, p. 1).

Para uma melhor compreensão sobre a festa na atualidade, faz-se necessário também uma contextualização acerca do tema cultura, e em quais realidades estamos inseridos nos tempos atuais, atualizando saberes e práticas a cada performance, pois como adianta Pinto:

Por conseguinte, e tanto quanto possível afirmá-lo a única conclusão que podemos tirar, no estado actual dos nossos conhecimentos, é a de que a festa de S. João exprime a relação com um povo estranho que se instalou junto dos nossos antepassados e muito nos influenciou a sua cultura, os modos de vida e sua identidade (Pinto, 2000, p. 16).

É interessante atentarmos que as culturas, os seus saberes e práticas em cada sociedade também se transformam ao longo do tempo. “Nesta mesma linha se podem situar a procura (e o inerente discurso) da preservação ou ‘conservação’ de formas e manifestações do passado no presente, na sua ‘pureza’ e ‘autenticidade’” (Pinto, 2000, p. 2). É verdade que ocorreram extinções de culturas locais e de diversas tradições com as transformações decorrentes da globalização, e possivelmente ainda continuarão a ocorrer devido a vários fatores, como as questões das funcionalidades e rapidez exigidas do nosso tempo. Por esta razão, a preservação destas festividades populares é essencial para a manutenção dos ritos e costumes nas sociedades, em vista das próximas gerações não perderem o vínculo com as tradições.

2.2. O papel da indumentária

A indumentária é um fenómeno intrínseco às sociedades. Diferentemente do traje popular típico de uma determinada cultura, o figurino exerce a sua função com objetivos concretos. Tendo como ambição principal, numa performance artística, expressar as informações necessárias para o

público, tanto da história como das personagens que estão em cena. Por este motivo, são ferramentas de comunicação indispensáveis, para quem o veste como para quem o vê, pois situam-nos no tempo e no espaço (Embry, 2018). Pode-se dizer que o figurino é um artefacto têxtil, com múltiplas funções práticas necessárias para a construção dentro e fora do espetáculo. Mas, além da funcionalidade cénica, o seu maior destaque está no poder de despertar o lúdico em quem o cria, o veste e o “assiste”: “Quanto mais audaciosa a cenografia, mais abstrata e simbólica ela é, então, cabe ao figurino e aos acessórios orientar a visão, a leitura, e a interpretação do espetáculo” (Perito & Rech, 2014, p. 11).

Desde a pré-história, a humanidade relaciona as interpretações cénicas em rituais com a utilização de vestimentas para incorporar uma personagem, como por exemplo peles de animais serviram de “figurino” na antiguidade (Haye & Wilson, 1999). Existe uma relação íntima entre a roupa e quem a veste para interpretar que transcende o uso do quotidiano ato de se vestir, esta indumentária proporciona a imersão do ator na personagem, sem isso não existiria a representação, porque ela estabelece um elo entre a personagem e o contexto narrado em cena (Perito & Rech, 2012). Além de situar no tempo/espaço o figurino também pode informar características das personagens, como a idade, o género, a classe social e o contexto histórico em que estão inseridas. Podem, ao longo do enredo, ser usados como ferramenta de mudanças da passagem do tempo juntamente com a história que está a ser contada. Sem que nenhuma palavra seja dita, o traje consegue fazer-se “entender” sem a necessidade do texto (Castro & Costa, 2010).

Em o *Dicionário de Teatro (2005)*, Patrice Pavis diz que o figurino acompanhou sempre a evolução estética da encenação. Passou do mimetismo naturalista à abstração realista. Fez presente no simbolismo, na desconstrução surrealista. Um figurino bem executado é aquele que transmite com dramaticidade a sua mensagem sem que “pese aos olhos” do público. É preciso ressaltar que, ao pensar num determinado figurino, muitos detalhes precisam ser planeados antes e durante o processo de criação (Mello & Souza, 1987). As cores e as estampas serão quase sempre maiores e mais vibrantes que as roupas “tradicionais”, pela distância do palco para o público. A iluminação do espetáculo e o cenário, também são fatores que influenciam na criação de um figurino, pois “conversam” e precisam estar em harmonia sem que um atrapalhe o outro, de forma natural estes elementos misturam-se transmitindo veracidade (Jablon, 2017).

Estes fatores dependem da produção ser realista ou irrealista. A criação de um figurino pode ser executada de várias formas criativas e com liberdade de expressão, mas algumas regras têm de ser

seguidas para que funcionem em cena. De outro modo, podem surgir falhas na comunicação. O trabalho do figurinista começa pela descrição das personagens. A personalidade, a condição social e os fatores psicológicos são os primeiros elementos necessários para a construção de um figurino. Podem ser classificados como realistas, tendo que retratar com exatidão um período da história ou para-realista, quando o figurinista tem liberdade para desenvolver o figurino, sem compromisso com a realidade.

“...é sem dúvida através do figurino que o espetáculo moderno instaura da maneira mais profunda a sua relação com a realidade” (Roubine, 1998, p. 130).

Em ambos os casos, a passagem do tempo da história narrada também é marcada por este elemento, sem a necessidade de ser “explicada” verbalmente, o figurino, de forma indireta, transmite estas informações ao público. Iglecio & Italiano (2012) concluem que o ofício do figurinista permite a utilização da criatividade para exercer o seu trabalho, desde a adaptação de um vestuário para os dias atuais até a reprodução de outras épocas, criando dessa forma soluções originais para fugir dos estereótipos.

3. ESTUDO EMPÍRICO SOBRE A FESTA BUGIADA E MOURISCADA E O TRAJE

Tal como explicitamos, os nossos objetivos passam, de forma geral, por caracterizar o grau de variação e inovação verificado na indumentária usada na festa, bem como refletir sobre o valor da comunidade no dia da festa. O grau de envolvimento da comunidade nos processos de confeção e uso da indumentária são essenciais a serem analisados para que se reflita sobre a importância da produção e da criação dos trajes. Nas seções seguintes iremos proceder à análise da informação recolhida e, de algum modo, coproduzida com os próprios participantes no estudo, procurando abordar cada um destes objetivos.

3.1. A variação e inovação verificada no traje

A festividade da Bugiada e Mouriscada reside no facto de se tratar de uma festa de carácter religioso, que integra inspirações tanto sagradas como profanas. Destacam-se sobretudo para o entendimento da festa o figurino, as coreografias, e a música. Os trajes utilizados pelos dois exércitos em confronto evidenciam suas diferenças, denotando o “princípio de inversão” (Cunha, 2019, p. 41) presente em todo momento da festa.

“A festa da Bugiada é caracterizada por este tipo de inversão, que se expressa em vários elementos e actos” (Krom, 2012, p. 129).

O vestuário da Festa da Bugiada e Mouriscada é muito característico e a sua singularidade deve-se, também, ao facto de a festa incluir no seu decorrer várias características carnavalescas e esboços de críticas sociais. Os rituais iniciam-se logo pela manhã da festa, os bugios e os mouriscos reúnem-se nas casas de seus ‘reis’, o Velho (líder dos Bugios) e o Reimoeiro (líder dos Mouros). Nas suas casas, bugios e mouriscos realizam a Dança do Rei, onde é oferecido um lanche, denominado mata-bicho². “É preciso estar pronto pelas 8 da manhã, se quiser presenciar a reunião de *Mouriscos e Bugios*, nas casas dos respectivos ‘reis’ ” (Pinto, 2000, p. 6).

Neste sentido, foi referido pelos entrevistados:

Foi na loja aqui em baixo que fiz a mesa. Fiz a mesa aqui em casa para os músicos, para as violas e violinos e eles comem aqui à parte. Mas lá em baixo é sempre a acartar. Para aí trezentos e tal euros só para comer e beber. Presunto, queijos, bolos, vinho, tudo o que for para comer. (E4)

² “Era o copo de água-ardente, mais umas bolachas, que em tempos passados, cada rei dava aos seus ‘homens’, quando estes se dirigiam, ao romper do dia, às respetivas residências, para uma saudação e uma dança. Hoje o mata-bicho é um pouco mais abundante, com doces e salgados, e bebidas de vários tipos.” (Pinto, 2014, p. 9)

Agora, com o tempo a mesa começou a crescer. Começou a aparecer os rissóis, os queijos, cada um está no critério de pôr na mesa aquilo que achar que deve colocar porque está a receber a Bugiada. A coisa mais bonita que eu tive no dia de S. João, no ano em que fui de velho, foi receber a Bugiada em minha casa. Olhe foi a coisa mais linda que eu tive. (E5)

Em seguida, os mourisqueiros e bugios partem separadamente para a Casa do Bugio onde será oferecido um 'jantar' a cada grupo.

Esta refeição substancial, a que têm acesso todos os participantes, é oferecida atualmente na Casa do Bugio, comendo os dois grupos em salões separados, interagindo, no final, através de provocações bastante ritualizadas (oferta de ossos e restos de comida ao grupo adversário). Este jantar, que no passado e em tempos de penúria, era servido nas eiras ou quintais dos lavradores mais ricos, para lá da importância simbólica, constituía também a oportunidade de ter acesso a uma boa refeição por parte dos grupos mais desfavorecidos (Cunha, 2019, p. 42).

No caminho, os bugios realizam o seu típico movimento de dança mais solta e desordenada, o que faz soar os guizos presos nos seus trajes, acompanhados pelo som das suas castanholas³ (Pinto et al., 2016). Por outro lado, os Mourisqueiros movem-se de maneira militar ordenada, subindo a colina em duas linhas verticais atrás do seu Reimoeiro “Já dissemos que ao contrário da disciplina da marcha mourisca, a bugiada se caracteriza pelo caos e por uma atitude pouco guerreira e pouco racional” (Cunha, 2019, p. 42). A apresentação dos dois grupos dá início com a dança de entrada que ocorre no Passal, “...num trajeto que vai da zona das Alminhas até junto da entrada do adro da igreja Paroquial” (Valongo Câmara Municipal, 2019).

As danças são executadas primeiro pelos mouros e em seguida vêm os bugios “...trata-se de uma marcha de tons alegres e vibrantes, que deixam os sobradenses, que a conhecem tão bem, comovidos e mudos” (Pinto, 2000, p. 7). Como salienta E8,

É o desfile principal e então toda a gente quer ir à Dança de Entrada, depois como não estão preparados, como não sentem o bater do coração, chegam ao final da Dança de Entrada estão cansados, estão exaustos e acabam por ir embora e não regressam. Para quem vive o S. João é o dia completo.

As danças do exército mouro são acompanhadas pelo som do tambor ou, caixa “...instrumento

³ “Instrumento de percussão normalmente de madeira constituído por duas partes côncavas e ligadas entre si, é usado na Festa de S. João de Sobrado por cada um dos Bugios, com exceção do Velho da Bugiada, como forma de expressão e para marcar o ritmo de algumas danças. Muitas das castanholas usadas em Sobrado continuam a ser executadas localmente. Em muitos casos as castanholas são ornadas com motivos diversos, nomeadamente rabos de coelho” (Pinto, 2014, p. 3).

acústico feito de uma caixa em forma cilíndrica...” (Pinto, 2014, p. 2) que dita o ritmo de seus movimentos, enquanto os bugios são seguidos ao som da orquestra de rebecas e violas ramaldeiras ou braguesas (Pinto, 2000).

como dizia um senhor muito antigo para mim: ouvido sempre na caixa! É a caixa que comanda tudo. (...) Eu rezei durante anos para que o senhor que tocou a caixa no meu dia (sr. M) que nunca desistisse. (...) A caixa parecia que tinha já magia. Tinha magia, é mesmo assim. (E1)

As performances desempenhadas nas danças da *Bugiada e Mouriscada* vão de encontro com o conceito de *cosplay*, que têm como significado a união das palavras *costume* (traje/fantasia) e *play/role play* (brincadeira, interpretação). “A experiência do *cosplay*, sua ação performática, propicia um momento liminar onde é possível materializar essa construção imaginária, propiciando sensações e significados particulares para aqueles que a produzem e para aqueles que a presenciam” (Nagami, 2010, p. 957). Dessa forma, podemos concluir que as danças da festa da Bugiada não fariam sentido caso os atores que a interpretam não estivessem a utilizar os seus respetivos trajes.

Seguem centenas de bugios, homens, mulheres e crianças de todas as idades, vestidos com as roupas e as máscaras típicas de bugio, e executando os movimentos típicos, batendo palmas com as suas castanholas a cada quarta contagem da música e gritando “ho, ho, ho” em vozes de falsete (Krom, 2012, p. 131).

Segundo, E8:

Nós antigamente fazíamos uma dança em que demorava, por exemplo, 10 a 15 minutos e nós agora temos que fazer uma dança que demora 40 minutos, devido à evolução dos tempos. Toda a gente com aquela emoção, com aquela paixão, toda a gente chama a paixão, toda a gente quer ir, faz com que a Bugiada passe de 50 pares para 150/200 pares, por exemplo. É uma coisa abismal.

A festa segue com o seu cronograma, inclui a Dança do Sobreiro, entre outros rituais são executados no Passal, como a Cobrança dos Direitos⁴, a Sementeira, Gradar e Lavrar e a Dança do Cego⁵. Mais tarde, por volta das 17h30, mouriscos e bugios executam a Dança do Doce

4 “É o primeiro ato dos rituais agrícolas que decorrem após a hora de almoço, cerca das 15 horas. Um Bugio montado ao contrário num burro e rodeado por múltiplos Bugios, percorre o Passal, recolhendo as contribuições ou impostos (os 'direitos') junto dos feirantes. À medida que recebe esses direitos (uma bebida, um doce ... ou apenas umas trocas de palavras jocosas), o que monta o jumento vai 'descarregando' o encargo num grosso livro, usando um pau como caneta e o cu do burro como tinteiro” (Pinto, 2014, p. 3).

5 “Também conhecida por Sapateirada. Apesar do nome, não se trata de uma dança, mas de uma representação de cunho primitivo que põe em cena dois grupos de personagens: o Sapateiro, a sua Mulher (fiandeira) e o moço, e, do outro lado, o Cego e o seu Moço. Todos vão mascarados. O que é representado em diferentes sítios do Passal é, no essencial, o rapto da Mulher do Sapateiro por parte do Moço do Cego e a luta do visado por reaver aquela que ele se vangloriava de nunca o trair. O que mais chama a atenção, na Sapateirada, é o aspergir dos circunstantes com lama e excrementos e o

separadamente no átrio da residência paroquial. Depois desta dança, cada grupo dirige-se para os seus respetivos lugares “castelos”, dando início a batalha final, a Prisão do Velho “Clímax da Festa da Bugiada e Mouriscada” (Pinto, 2014, p. 12). Enquanto um mensageiro cavalga com as trocas de mensagens de ambas as partes, ocorre a invasão ao castelo dos bugios, o Reimoeiro prende o Velho no ataque. Enquanto os bugios choram a sua derrota, outros bugios avançam em direção a igreja, carregando uma enorme serpe. O exército mourisco, amedrontado, foge de cena em desordem, deixando o Velho para trás. “Só a serpe, com que aparecem os Bugios, permite a libertação do Velho” (Valongo Câmara Municipal, 2019).

Já é noite em Sobrado, os mouriscos, recuperados da derrota, dançam agora a Dança do Santo e, em seguida, os bugios fazem o mesmo em frente à igreja paroquial. “Os bugios em sua performance final realizam a Dança da Vitória no Passal, em frente à igreja. Bugios e mourisqueiros então juntam-se uns aos outros durante a cerimónia de celebração de encerramento, enquanto o hino de Sobrado soa pela última vez” (Krom, 2012, p. 132). Só após esta breve passagem pelo itinerário da Festa da Bugiada, consegue-se perceber o ambiente em que a festa se dá. Parte importante desta festividade envolve as indumentárias utilizadas pelos dois grupos, que revelam suas identidades e as simbologias que trazem consigo.

Como já foi referido, não há uma data precisa do início desta tradição, dessa forma não conseguiremos aferir quando se deram as confeções dos primeiros trajes. Através de documentação fotográfica e relatos dos moradores de Sobrado, sabemos que a “estrutura original” dos fatos da festa vem sendo mantida, isto é, conservada dentro dos padrões tradicionais. No entanto, algumas alterações ocorreram desde o mais antigo registo fotográfico que encontrámos.

jogo entre atores e espectadores uns por os sujar e os outros por lhes fugir. É uma das partes antropológicamente mais densas desta Festa.” (Pinto, 2014, p. 5).



Figura 1 - Exército mouro anos 40
Fonte: <http://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2008/>

Através da figura 1, é possível notar que os fatos do exército dos mouriscos eram em tom claro, mantidos na cor de origem do linho cru, diferentemente dos de hoje que são listados em multicores fabricados em tecidos sintéticos. Mantendo-se a estrutura dos trajés, o corte da modelagem do tecido, assim como os adereços, e a ordem de composição do figurino.

A figura 2 evidencia as diferenças, particularmente pelo uso em excesso das cores vibrantes no uso da atual farda.



Figura 2 - Reimoeiro e o seu exército.
Créditos: Ana São José

As modificações recorrentes nos trajes, como as combinações dos tecidos, as misturas de cores utilizadas, o estilo dos adornos utilizados nos acabamentos, são determinadas hoje pela oferta das fábricas onde são comprados esses tecidos e aviamentos. Mas nenhuma dessas adaptações comprometeram o padrão estético que é passado de geração em geração. A tradição renova-se de forma tênue aos olhos da comunidade atenta às mudanças com uma certa resistência e saudosismo dos mais velhos que levam aos mais jovens às suas memórias dos anos passados.

Na ocasião da visita da investigadora ao ateliê do responsável pelos fatos da festa, observou-se sob a sua mesa um jarro com as plantas de linhos secas. Quando questionado, disse trata-se de linhos secos das terras de Sobrado. Contou que: “as vestes dos mourisqueiros utilizadas na festa eram feitas em linho desde sempre até meados dos anos sessenta, a região de Sobrado era tradicionalmente conhecida pelas famílias que o cultivavam em suas terras, todo o processo era caseiro e artesanal, desde a colheita até a fiação”.



Figura 3 - Planta de linho seca, colhida em Sobrado
Créditos: Bekia Motta, 2019

O linho é simbolicamente ligado à espiritualidade e à pureza, utilizado em diversos rituais, em diferentes épocas e culturas da nossa civilização. Esteve presente ao longo da evolução da humanidade, conhecido por ser o tecido mais antigo produzido pela humanidade. Como refere Pires (2012), “utilizado em ritos religiosos e fúnebres, o linho, cujo cultivo ocorre há pelo menos 8000 anos, sempre esteve – devido à sua origem vegetal –, simbolicamente, associado à ideia de pureza” (p. 145).

Ao longo da Idade Média, o linho foi de grande importância para o crescimento económico em Portugal (Barroso, 2014), assim como em Sobrado. Por estes motivos, podemos entender a simbologia em torno deste tecido, que diz muito das tradições da comunidade e as razões de ser o tecido oficial do exército mouro.

“...o meu irmão que está na América também foi de reimoeiro e isto tem sido sempre em linho. É uma farda muito bonita mas muito quente [...]” (E2)

Desta análise exploratória à Festa da Bugiada e Mouriscada, no contexto das teorias sobre a importância do vestuário, podemos assumir que os trajes, além de interagirem em diversos níveis com a comunidade, expressam-se como forma de cultura material, reavivam as memórias afetivas e transmitem para os visitantes da festa os seus símbolos identitários. Há, neste contexto observado, uma clara associação entre a festa e a vida privada dos sobradenses. Quando entrevista E1 relembra as “luvas” que levou oferecidas pela avó no “primeiro ano”.

Mas também, no meu caso, houve um facto emocional muito forte que foi a minha avó. E só não desisti da mouriscada por causa da minha avó. (...) Tanto que as luvas que levei no ano de reimoeiro tinham 12 anos. Foram as luvas que ela me ofereceu no primeiro ano em que fui de mourisqueiro [...] E claro, o orgulho imenso da minha mãe, da minha irmã, do meu pai. A família vive mais que tu. A família segue os teus passos e ouve o que falam de ti. (E1)

Este relato narra a relação recente dos participantes da festa com os trajes mais antigos, o valor agregado às peças, como no caso acima descrito, há um reconhecimento da importância da tradição familiar na festa que precisa ser conservada, assim como os trajes e acessórios que foram utilizados. A forma de pensamento e valores que condicionamos aos trajes modifica-se mediante as realidades a que somos expostos, como por exemplo, em tempos de dificuldades económicas atravessadas pelos sobradenses no passado foram necessários outros meios que possibilitassem a comunidade participar da festa. Mesmo sem poderem confeccionar novos trajes, a criatividade e a vontade de fazer a festa acontecer fizeram com que criassem as “fardas comedeiras”⁶ expressão

⁶ “Diz-se de uma ‘farda’ ou traje de Bugio já poida de tanto ter sido usada. O nome advém, segundo se diz na Vila, dos “tempos da fome”: os mais pobres, que nem dinheiro tinham para um almoço melhorado no dia de S. João, usavam essas fardas velhas como passe de entrada no jantar servido aos Bugios e Mourisqueiros logo no começo do dia. E assim, além de matarem a Paixão na dança, enchiam a barriga de canja e de um cozido à portuguesa” (Pinto, 2014, p. 7).

destinada às fardas antigas e gastas, que iam sendo passadas entre conhecidos e familiares para que pudessem ir ao jantar da festa⁷, que exige a utilização dos trajes no protocolo. Como refere E2:

“Nem toda a gente consegue lá chegar mas não há cá ricos e pobres. Toda a gente vai. Se tiver a competência e a capacidade vai!”.

“Eu lembro-me do meu padrinho contar que o pai dele ia a Paredes alugar uma farda para ele ir de bugio e nem toda a gente tinha fundo de maneio para subsistir na mesa quanto mais para ir buscar roupas para ir de bugio...” (E3)

O sentimento de orgulho por ainda ter o traje ou as luvas, que antes foram de um familiar, remete para a memória da iniciação na festa, ressaltando a importância que é dada na questão da preservação dos trajes como cultura material na comunidade de Sobrado. Fala-se muito entre os sobradenses, que já participaram da festa, que ainda guardam com muito carinho os trajes e acessórios usados nas suas casas, assim como os novos participantes da festa que apreciam usá-los também compreendem a necessidade de cuidar das fardas e de mantê-las em família. Por tomarem consciência desse valor, passaram a praticar a preservação dos bens materiais referentes à festa. Detetando nesse costume o indicador da “solidariedade” ao grupo⁸ “A solidariedade social, porém, é um fenómeno totalmente moral, que, por si, não se presta à observação exata, nem, sobretudo, à medida” (Durkheim, 1999, p. 31).

Apesar de muitos já praticarem a preservação dos trajes e mesmo de outros documentos relacionados a festa, este trabalho de comunicar a sua importância é recente, e tem sido transmitido frequentemente para que mais pessoas adiram essa prática. “A par disso, importaria sensibilizar as pessoas de Sobrado para a eventual existência, nas suas casas, de objetos e referências que possam ser úteis para a história da festa da Bugiada. Trajes antigos, máscaras, sardões, e castanholas, mas também fotografias, cartas e outros documentos podem ser de enorme importância” (Pinto, 2000, p. 23).

7 O “Jantar” da festa, ocorre por volta das 9h30 “janta-se de manhã” (Pinto, 2014, p. 8) quando os dois grupos, Bugios e Mourisqueiros se dirigem para a Casa dos Bugios. “Desde a construção da Casa dos Bugios, é aí que decorre este repasto” (Pinto, 2014, p. 8).

8 Em *Da Divisão do Trabalho Social*, (Durkheim, 1999, p.31) verifica o conceito de solidariedade social, dividindo-o em Solidariedade Mecânica e Solidariedade Orgânica. A Solidariedade Mecânica é definida como “*sociedades simples*” faz referência há um período pré-capitalista, quando unidos pelos mesmos valores com base nas tradições da comunidade, a dinâmica social estaria voltada a serviço desses costumes e valores para garantirem que esses sejam respeitados e protegidos. A Solidariedade Orgânica é definida como “*sociedades complexas*” ou “*modernas*”. Já inserido no modelo de produção capitalista, os indivíduos tendem a deixar de partilhar os seus costumes e crenças, desta forma a coesão social passa a não se dar mais pelas bases nos valores religiosos e nas tradições antes partilhadas, mas nos novos códigos estabelecidos que se baseiam nos deveres e direitos.

3.2. A importância da indumentária na consolidação da identidade da festa

Ao analisar o caso da festa Bugiada e Mouriscada de Sobrado enquanto património cultural, e aquela comunidade especificamente, assistimos a uma determinação unânime da sua comunidade em manter as suas tradições acima de qualquer movimento externo que esteja a ocorrer, “Com a memória e a consciência do valor da herança que recebemos, queremos caminhar não a olhar para o passado, mas a enfrentar os reptos do futuro” (Pinto, 2013, p. 10). O que nos faz concluir que as mudanças numa estrutura social, ou a quebra de uma tradição se dão de facto se há permissibilidade de seu povo:

“Eu pela festa de S. João dou sempre o melhor. Independentemente de ser relação de amigos ou não. O que interessa é a festa.” (E3)

“[...] a paixão, a paixão é aquela situação em que tu sabes que chegas àquele dia e sabes que vais participar naquilo que tu gostas e que te diz muito.” (E5)

“Não deve haver nenhuma como esta!” (E6)

Os registos fotográficos a seguir mostram a nova geração de bugios na festa do ano de 2019.



Figura 4 - Bugiada, nova geração

Créditos: Bekia Motta, 2019

Importa reter que a Festa da Bugiada e Mouriscada representa uma batalha entre bugios (cristãos) e mourisqueiros (mouros, semelhante às “fiestas de moros y cristianos” de Espanha. Como refere Alge (2007) “além da representação, outros rituais são executados em determinados momentos

da festa: Danças dos Bugios e Mourisqueiros, refeição comunitária, marcha da entrada, procissão, rituais agrícolas, combate entre bugios e mourisqueiros e o baile ao som do Hino de Sobrado” (p.7).

“Ora, o que posso afirmar é que, neste quadro, a festa da Bugiada não só não tem decrescido no entusiasmo e na participação, como tem vindo mesmo a crescer no seu vigor e grandiosidade” (Pinto, 2000, p. 7).

Quando se olha para as lutas simuladas entre mouros e cristãos, não é raro que os primeiros tenham a vantagem em termos militares. Mas, em Sobrado, essa superioridade esconde uma condição estrutural mais profunda, baseada na “dicotomia *ordem/desordem*” (Cunha, 2019, p. 42). Sabemos que a tradição de confrontos encenados entre mouros e cristãos viajou com portugueses e espanhóis em navios com destino às Américas, e a tradição ainda está viva em várias regiões “Trata-se, pois, de uma tradição comum nos dois lados do Atlântico, cuja realização periódica tem por fim reforçar as identidades coletivas” (Macedo, 2008, p. 2). É pertinente fazermos um trabalho de reflexão sobre a tradição nos tempos modernos, onde devemos diferenciar entre as formas e intenções das representações exportadas. Às tradições Ibéricas, como as lutas entre mouros e cristãos eram trazidas ao Novo Mundo como instrumento de evangelização.

Esse procedimento foi usado pelos jesuítas (Andrade, 2000, p. 38) onde, além da influência das manifestações semiprofanas claramente inspiradas nas práticas ibéricas, o processo da catequese foi permitindo aos índios e escravos negros sua colaboração e integração religioso-coreográfica em danças e cantos acompanhando as procissões e cortejos católicos (Almeida, 2013, p. 41).

A circulação destes produtos culturais entre diferentes estratos da sociedade deu origem a camadas sobrepostas de significado, às vezes levando à substituição do “infiel muçulmano” pelo “índio selvagem” ou à incorporação de torneios equestres de estilo medieval em cenas de batalhas, como é o caso das cavalcadas, termo genérico usado para designar as festas de mouros e cristãos no Brasil.

Depois da vitória cristã todos fizeram a festa juntos, não somente num banquete alegríssimo, como dançando o sensual Lundu e o “quase imoral batuque”. [...] Um cortejo com música, lundus e batuques, perfeitamente assimiláveis às “cantigas” de marcha ou coreográficas, iniciais e finais das nossas danças dramáticas, já envolvem uma cavalcada de cristãos e mouros (Cascardo, 1965, cit. em Almeida, 2013, p. 70).

Desta forma, fica destacado que são através dos ritos anunciados pelas festas populares que se estabelecem as interações sociais, que reavivam as tradições, e se as mantêm ao longo do tempo.

Importa, igualmente, ressaltar o facto de a festa se definir pela sua performance, dirigindo-se em muitas situações para a questão do vestuário. Com efeito, é através do vestuário que os rituais que constituem a festa se estruturam e reproduzem. É o vestuário que investe os atores sociais do poder de representar personagens e de potenciar a ilusão que a festa cria na comunidade e nos indivíduos. Ribeiro (2004) aborda o caso dos Moçambiques de Osório, no Rio Grande do Sul, reconhecendo que deve aproveitar-se os recursos culturais, respeitando as mudanças, mas defende que não é “maquilhando” as apresentações, ou mudando a roupa dos participantes que as festas se destacam, baseando-se num discurso de que “temos que mudar se não acabamos” (p. 53).

Uma festa não se confunde com outra, mas é possível reconhecer neste fenómeno fatores que as unem como: a mediação social que se faz necessária e está presente em todas elas, estarem inseridas igualmente em um contexto e tempo social, a transfiguração do indivíduo em oposto à de suas personalidades da vida ordinária, a percepção do indivíduo que se abre permitindo se entenderem como coletivo, chegando a ser um condutor de críticas sociais, vinculados a ideologias políticas, valores culturais, eclesiásticos, etc., tal como as que foram apresentadas no caso da Festa Bugiada e Mouriscada (Durkheim, 1968; Duvignaud, 1985).

Para entendermos a função e o lugar do vestuário na performance da festa, precisamos perceber que todos os elementos que compõem a festa, incluindo a confeção do vestuário, estão intrinsecamente entrelaçados na memória dos sobradenses. Aliás, os mais idosos já ouviam dos seus avós e estes também por consequência já tinham ouvido histórias – uma entidade que cresce dentro das famílias de Sobrado, já que se nasce ouvindo e vivendo ela, como referem vários dos entrevistados:

“... o meu irmão mais velho foi mourisqueiro.” (E2)

“O meu filho foi de rabo o ano passado e se calhar foi o rabo mais novo que eu me lembro.”
(E3)

“Tinha o meu falecido pai. Ele é que era o principal! Ele ia nas entrajadas.” (E4)

“Eu comecei com nove anos e fui para bugio no meu caso porque o meu primo já era bugio...”
(E5)

“Não sei se foi de ter visto o meu irmão na mouriscada e depois eu fui subindo e rapidamente cheguei a lugar.” (E6)

Importa refletir sobre a forma como a comunidade se coloca em diversos momentos tanto durante a festa, como antes e ao longo de todo ano até o seu dia chegar. Com facilidade os “papéis” mudam, muda o presidente da casa dos Bugios, muda o reimoeiro, o velho da bugiada, mas mesmo com as diferenças que podem acontecer, mantém-se firme o dever individual da excelência na prestação e na construção da festa:

“Meio ano [antes] porque eu antes de vestir tive que ir a várias provas.” (E2)

“Mas quando soube que ia então comecei logo a andar aqui na estrada, sempre andar.” (E4)

“fiz o meu melhor, mas com muita preparação e não tenho vergonha de dizer que tudo ensaiei antes, mesmo tudo, e nomeadamente o ensaio da Prisão.” (E5)

Por isso, os sobradenses entregam o melhor de si com respeito e devoção, e “paixão” pela tradição. Como referem Araújo, Silva e Ribeiro (2019, p. 95) “Porque é uma tradição. Tem muitos anos. Eu não sei explicar. Trabalha-se um ano inteiro para isto, para um dia que passa tão depressa”.

Exercendo a sua função unificadora na comunidade, a festa sempre seguiu como propósito de vida dos que ali nasceram e ainda estão, e dos que não vivem mais em Sobrado mas por devoção à festa sempre retornam todos os anos no dia de São João.

Esta é a festa que faz com que todos os anos o Senhor G. viaje do Brasil até Sobrado, cumprindo uma promessa feita ao Santo quando lhe raptaram o filho; a mesma festa que, durante quatro domingos seguidos, fez F. viajar de Madrid, onde trabalhava, à Sobrado para ensaiar o papel de Reimoeiro (Brito, 2013, p. 4).

Hoje, a festa mantém-se ancorada nas suas raízes e tradições, mas é verdade que os tempos modernos trouxeram modificações em diversos níveis para esta festa que por costume se limitava a freguesia de Sobrado e seus arredores. Alguns dos entrevistados referem:

“Existe uma preocupação cada vez maior em não só fazer do dia de S. João o principal foco mas existe a preocupação de que a festa seja apelativa de outras formas” (E1).

“A festa acaba cada vez mais tarde, sim. Porquê? Porque acho que de certa forma existe um cuidado maior com as coisas” (E1).

“A festa sair para divulgação acho muito bem. É importante para expandir a nossa festa. Isto aqui não deixa de ser nosso e as pessoas também começam a ver o que isto vale.” (E2)

Hoje, o número de turistas intensificou-se, mas também se sabe que a Bugiada e Mouriscada desde sempre atraiu turistas e pesquisadores. Isso observa-se na figura 5, da autoria do diplomata e antropólogo Inglês Rodney Gallop quando visitou a Festa Bugiada e Mouriscada, em 24 de junho de 1932. Gallop descreveu em seu livro *Portugal, A book of folk ways* (1936) as impressões e sentimentos que a Bugiada lhe havia causado naquele dia, referindo-se ao final da festa como sendo “...um dos mais notáveis rituais que sobrevivem na Europa moderna” (Gallop, 1936/1961, p. 171-172 cit. em Pinto, 2011).



Figura 5 - Mouriscos, crédito: Gallop 1932

Fonte: Rodney Gallop- São João de Sobrado em 1932 | SÃO JOÃO DE SOBRADO (wordpress.com)

É somente em Sobrado, e pelos sobradenses, que a Bugiada é feita. Esta é uma das tradições seguidas pela comunidade, os de fora são bem-vindos, mas a festa é dos sobradenses e para eles em primeiro lugar. Por se tratar de uma festividade tão rara e própria dos de Sobrado, que de acordo com Pinto (2013) “A festa da Bugiada e Mouriscada exprime a identidade dos sobradenses e, ao acontecer, refaz e atualiza essa mesma identidade” (p. 8).

A identidade dos sobradenses faz-se também pelo imaginário coletivo acionado pelo traje. É, também, próprio da sua função movimentar a dinâmica social durante todo o seu processo. A confecção do traje assinala a interdependência e a dependência entre os vários membros da comunidade no desempenho das suas funções. Estas demandam, desde a criação, até as soluções dos imprevistos

que ocorrem ao longo do trabalho, assim como a escolha mais acertada das cores dos tecidos/padrões, os aviamentos e os acessórios. São infinitos os detalhes a serem acertados até que se concluía o trabalho. Para que estas decisões sejam tomadas é necessário o trabalho em grupo, nada se faz individualmente.

Através das recolhas de informações feitas nas entrevistas, identificamos que o elemento “traje da festa” permite a união na comunidade, movimento que se constrói em diversos momentos, antes, durante e após a festa. Neste sentido, podemos exemplificar a solidariedade social quando; se escolhe ceder o “fato antigo” que se têm para que outro possa participar também da festa, como nos diz o entrevistado (E6), a reciprocidade no grupo garante a ligação entre os membros e a confiança intergrupar. As histórias e as memórias que o traje institui e carrega, são elementos materiais e simbólicos necessários para alicerçar a festa e a comunidade em diversos âmbitos, pois “O figurino como sendo capaz de elucidar questões intrínsecas à pessoa, que se valerá do símbolo, de acordo com a subjetividade da qual se pretende retratar, de modo a transmitir ao objeto atuante adjetivos filtrados pela percepção do espectador/receptor” (Scholl, Del-Vechio & Wendt, 2009, p. 3).

No entanto, a par destas afirmações, numa conversa informal com um dos habitantes, que já havia interpretado o Velho da Bugiada, este contou ter passado por uma situação difícil: na altura dos ensaios sofreu uma fratura, e foi preciso poupar esforços para se recuperar totalmente para o dia da festa. Além da comoção por parte de alguns integrantes dos bugios que se solidarizaram com ele neste momento, ocorreu uma aproximação do grupo. Esta fez com que este sobradense fizesse um pedido referente ao figurino dos bugios: pediu que fosse trocado o folho da sua máscara branca (hoje na festa os folhos dos bugios são utilizados na cor branca, antigamente eram utilizados na cor vermelha, o folho branco era originalmente utilizado somente pelo Velho da Bugiada) pelo folho vermelho, que ele gostaria que o fizessem, por vontade pessoal de reavivar as tradições. Este pedido espalhou-se e, no dia da festa foram incontáveis os bugios que aderiram ao seu pedido, o que aprecia ainda com emoção. Na imagem 6, podemos observar o folho em vermelho do bugio em contraste com o folho branco do Velho da bugiada.



Figura 6 - Prisão do Velho da Bugiada
Fonte: fotografia cedida por AC

Da mesma forma que os figurinos unem a sociedade em propósitos comuns aprofundando as relações afetivas, também sinalizam conflitos entre os que residem em Sobrado, como o que diz respeito à proibição de circulação dos participantes já vestidos com os seus figurinos, no dia da festa até um determinado momento. Segundo manda a tradição, os exércitos “... também não podem atravessar o Passal, antes das chamadas danças de entrada ou de apresentação” (Pinto, 2000, p. 7). Entretanto, muitos participantes, normalmente os mais jovens, não cumprem esta regra. Isto é causa de discussões acirradas entre os que conhecem, e querem exigir que as regras sejam cumpridas, e os que as burlam.

O figurino da festa pode ser utilizado como exemplo de solidariedade, mas também de rutura social. Como vimos, o vestuário sinaliza códigos que expressam determinados comportamentos. A tensão social gerada em torno das regras e de como se deve manter a tradição da festa é tema discutido com frequência na comunidade “Porém, também não se pode esquecer que toda banalização das danças e rituais, toda a cedência a caprichos ou interesses deste ou daquele se virará a prazo contra a própria festa” (Pinto, 2013, p. 8).

“(…) nós somos críticos antes da festa, durante a festa e depois da festa. Porque nós sermos críticos também faz parte do envolvimento e do testemunho.” (E5)

Depois há outra coisa: dantes era proibido passar perto da igreja com a careta⁹, mascarados, mas há pessoas que não moram aqui e não sabem e passam. Mas não devem passar! Porque é um respeito que eles têm porque primeiro têm que entrar os mourisqueiros. (E6)

O figurino da Bugiada e Mouriscada serve à festa de diversas formas, delimitam o território das personagens, porque através do figurino é possível identificar um bugio de longe seguindo no “sentido errado da festa.” (E6)

É importante ressaltar que se não fossem pelos trajes da festa, não teríamos como detetar o comportamento inadequado de alguns. Da mesma forma, não seria possível situarmo-nos com a veracidade e riqueza de detalhes que podem ser alcançadas pela nossa imaginação, através da descrição dessas indumentárias.



Figura 7 - Rei dos Bugios, desenho de Rodney Gallop

Fonte: Gallop, 1936/1961, p.173 retirado de bugiosemourisqueiros.blogspot.com (2011)

⁹ “O termo tradicionalmente mais usado em Sobrado para designar a máscara utilizada pelos Bugios, pelos protagonistas das Estradalhadas e de todos os rituais agrícolas da tarde, bem como da Dança do Cego. Outrora era feita de peles, madeira, cortiça, papel, metal, etc. O plástico tornou-se o material mais comum nos tempos que correm. Dizia-se, antigamente, que uma boa máscara de Bugio era aquela que fosse “feia, mas que fizesse rir” (Pinto, 2014, p. 2).

3.3. O envolvimento da comunidade na confecção e uso da indumentária

As festividades populares são semelhantes nas suas dinâmicas, entende-se desta forma que a necessidade de preservação de uma tradição depende sempre da consciência e vontade da comunidade de passar adiante o que é preciso para mantê-la. Neste propósito podemos citar Marques e Brandão (2015) quando afirmam que “O problema neste caso é que a sabedoria popular – o saber fazer – se perde com o tempo. Este cenário se agrava perante a constatação de que a deterioração dos conhecimentos tradicionais tem sido observada em outras áreas da festa como, por exemplo, na preparação de refeições, na confecção de roupas, na montagem de estruturas, entre outras” (p. 17).

Ao comparar as festividades entre Brasil e Portugal, sob a ótica da preservação destas como património cultural Marques (2014) ressalta que é semelhante o que ocorre “Em Porto ou em Fortaleza, os festejos de São João revestem-se de uma roupagem do divertimento sem pretensões a nada mais enraizado” (2014, p. 16). Seguindo a mesma lógica, Marques e Brandão (2015) se referem a essa questão como sendo um problema também na Festa de Santos Reis de Martinésia “A modernização facilita o preparo da festa, porém também modifica sua essência e estética” (p. 17). Por outro lado, Marques (2014) reconhece como exemplo de preservação cultural a festa da Bugiada, “Afastando-se um pouco chegando à Sobrado, encontramos uma festa tradicional que encontra-se em processo de revitalização, com a contribuição da Universidade do Minho, As Bugiadas de Valongo na qual toda a cidade envolve-se” (p. 16). Da mesma forma, que Merlo (2016) identifica a importância do papel do traje na conservação da identidade e da preservação cultural do grupo na Festa de São Benedito na Congada de Ilhabela. O autor verifica que:

os trajes feitos, seja pela Dona Aurora, seja pelas costureiras das famílias dos congos ou congueiros, representam o lugar que cada um ocupa na tradição. Trajes que vestem nos dias da Festa e depois são guardados em suas casas, passando de geração a geração, quando possível. (p. 63).

No caso da festa Bugiada e Mouriscada, as referências são similares no que diz respeito ao intenso envolvimento da comunidade em todos os processos que os trajes da festa demandam. Como confirmam os que participaram da festa:

“Mas eu gostei muito do meu traje. O traje fica para nós. Somos nós que damos o linho mas se for oferecido quem dá é a comissão. A farda fica para o reimoeiro.” (E2)

Levei o traje do meu primo que para mim era o melhor que havia aí na altura e ainda continua a ser porque foi o primeiro a ser feito com uma roda, umas pregas e quando nós dançávamos e abríamos as pernas ou balouçávamos aquilo fazia uma roda. (E3)

De acordo com Roland Barthes (2005) o figurino é pensado e construído simbolicamente para fins de expressões artísticas em manifestações culturais. Trata-se de um processo que exige organização e muita dedicação junto a um planeamento que ocorre meses antes e também depois do término da festa.

Anicet, Pereira e Laschuk (2012, p. 388) reforçam que a criação quando exercida pela comunidade local são “intimamente relacionadas aos aspectos culturais de um grupo ou comunidade, normalmente passadas de geração para geração (...)”. Neste sentido, a relação que os sobradenses construíram ao longo do tempo com o figurino da festa não está apenas no aspeto afetivo e simbólico, dado que, para a comunidade, o lugar que o figurino exerce é fundamental para o ritual de preparação e imersão dos integrantes destinados a interpretar essa estória que narra a sua tradição.

Em suma, seja na festa de São João no Porto ou em Fortaleza Marques (2014), na Festa de Santos Reis de Martinésia, Marques & Brandão (2015), na Festa de São Benedito na Congada de Ilhabela - Merlo (2016) ou na festa Bugiada e Mouriscada, há referências na literatura das festividades que confirmam a importância do envolvimento da comunidade na confeção e nos processos que envolvem um figurino. Revelam-se numa forma de promover a integração dos indivíduos na festa e em sua preparação.

Durante o trabalho de campo realizado em Sobrado pela investigadora, foi possível observar o movimento intenso no ateliê que observamos¹⁰ poucos meses antes do dia da festa até a última semana de provas e entrega dos trajes. Eram encomendas que iam desde os recém-nascidos até aos adultos, à espera do seu novo fato para usarem no dia mais aguardado do ano em Sobrado. O responsável pelo ateliê diz que, a cada ano, os pedidos aumentam e fica mais “corrido” fazer todos os

10 Os fatos/trajes utilizados pelos atores da festa Bugiada e Mouriscada de Sobrado são confeccionados no ateliê da mesma família do Senhor X. Antes de assumir tal responsabilidade era a sua mãe quem os fazia, segundo o próprio Sr. X, o seu dom foi descoberto ao acaso, como o próprio afirmou: “alguém tinha que os fazer, então eu comecei” mantendo a tradição em família. É no seu ateliê que são confeccionados grande parte dos “trajes originais” com qualidade de serem usados na festa e reconhecidos pelos sobradenses.

Quem quiser pode encomendar os fatos com outros costureiros, desde que sigam os padrões estipulados pela tradição da festa, porém, é o ateliê do Sr. X o local de referência na comunidade quando se trata dos trajes da festa, com grande demanda de encomendas e alugueis das fardas e acessórios, servindo aos que vivem em Sobrado e aos que regressam todos os anos por causa da festa. O leque de serviços oferecidos aumentou com o número de clientes, mas o principal e mais procurado diz respeito aos fatos sob medida, tanto dos mouriscos, dos bugios, do reimoeiro e do velho da bugiada. É certo que há quem possa usá-los como alugados, são vários fatos confeccionados em anos anteriores que estão disponíveis em diversos tamanhos. Juntam-se a estes, acessórios e outros *souvenires* como, os arcos de cabeça decorados com papéis coloridos, os chapéus dos bugios e dos mouriscos, as castanholas pintadas com o logo da festa e as máscaras. Todas produzidas no seu ateliê.

fatos a tempo. Junto com ele, em todo o processo, está outra pessoa da família. Trabalham em sincronia afinada, começam pela manhã, às vezes sem hora certa para pararem, todos os dias da semana: “quanto mais a festa se aproxima, mais horas trabalhamos”.

Para além dos pais, também outra pessoa da família trabalha no ateliê, quando tem disponibilidade. Em 2019 trabalhou nos preparativos dos acessórios da festa e a atender os clientes que não paravam de chegar enquanto os seus pais cosiam os fatos. Ainda no mesmo ateliê são prestados serviços após a festa. Os cuidados com os trajes são de extrema importância para a sua conservação, a limpeza dos fatos da festa pode ser designada também a ele.

O trabalho nunca para, após a festa ainda temos que tratar da limpeza dos fatos, alguns temos que arranjar, chegam rasgados do desgaste do dia da festa. Nós fazemos os arranjos que forem necessários, deixamos tudo pronto para o próximo ano (responsável pelo ateliê).

Tais trajes carregam valor afetivo inestimável. Guardam memórias e, por meio deles, o tempo é marcado, as histórias de “antigamente” que são transmitidas para as novas gerações com muito gosto e orgulho, como podemos perceber nos relatos colhidos quando perguntamos aos entrevistados sobre o que lembram dos costumes mais antigos. Todos sempre têm algo a dizer:

“(…) quando fiz essa farda nova a outra farda antiga, que era a que o meu pai levava e que dei um arranjo e era a que eu levava, um sobrinho pediu-me para ir de tarde com ela: “oh tio deixava-me ir de tarde com a outra farda?” (E3)

“As máscaras, a gente comprava nas tascas antigas, nas tascas de vender feijão e arroz.” (E4)

“As máscaras são todas gémeas. A Bugiada agora a gente olha e é tudo gémeos na frente. Não era assim e, infelizmente, agora é assim. Por isso, é que eu gosto muito de levar as minhas...” (E3)

Por estas razões, o figurino, e tudo mais que envolve o seu universo, é posto em destaque como elemento indispensável de estudo. Isto possibilita-nos explorar diversas áreas nas Ciências Sociais. A indumentária pode ser útil como ferramenta que disponibiliza “acessos” a diversos âmbitos do comportamento humano, como tal se propõe neste trabalho. Este estudo sugere reunir as referências que temos do figurino da Bugiada e Mouriscada, para que se possa dar, seguidamente, início ao registo dos trajes tão ricos em valor simbólico e histórico para a festa, cultura e a vida dos sobradenses.

3.4. Bugios e mouriscos: o percurso dos trajes ao longo do tempo

Antes de um figurino ser confeccionado, existe um longo processo de criação com base em pesquisas que se alinham com a estória que será representada. Quando se trata de um figurino “fixo”, como no caso da Bugiada, é natural que ocorram adaptações nos trajes com o passar dos anos. São mudanças que decorrem de novas releituras da lenda. O passado é frequentemente visitado e utilizado como inspiração criativa (como poderemos ver nos exemplos que serão citados a seguir) sendo adaptados pelas gerações seguintes. Estas são necessárias quando se tratam dos tecidos e dos adereços, tendo o aval da comunidade que segue atenta para que as formas se mantenham o mais próximo do que se conhece como tradição.

Por não se ter conhecimento até o momento de documentação sólida ao que se refere ao figurino da Festa Bugiada e Mouriscada, este trabalho, apesar de não ter como um objetivo formal, conta com a realização de ilustrações, desenhos técnicos, e descrição mais detalhada dos trajes da festa, todos esses de autoria da investigadora.

3.4.1 Exército Mourisco

Os Mourisqueiros formam um exército de jovens que, por tradição, têm de ser solteiros, “Raramente ultrapassam as três dezenas” (Pinto, 2000, p.4). Com traje de tipo militar, eles “Apresentam-se de cara descoberta, de aspecto aprumado, formam duas filas paralelas, aos pares, e são comandados pelo seu Rei, o Reimoeiro” (Câmara de Valongo, 2019). Destacam-se pela performance que prima pela ordem e disciplina, em cena e fora dela. Os pré-requisitos para se tornar um mourisqueiro são de extrema exigência, que são alcançados por esforço próprio. A escalada até conseguir ser rei demora, e não é certa. Sabe-se que, para se manter como soldado mourisco é preciso dedicação com afinco, independentemente da posição que se ocupe.

Os rapazes que integram o grupo fazem-no desde a adolescência e os que revelam melhores qualidades assumem os cargos de Guia, Meio e Rabo (um par cada). O Mourisqueiro que entrar como Meio sabe que, se tudo correr como previsto, será Reimoeiro ao fim de sete anos (Pinto et al., 2016, p. 4).

Toda a simbólica em torno da personalidade do exército mourisco é transmitida no figurino, tendo como destaque deste traje a silhueta “rígida”, o que auxilia os integrantes do grupo a manterem a postura firme e contida ao longo de toda a apresentação. “O imperativo disciplinar impõe uma

moldagem do corpo e do espírito, contextos nos quais o uniforme desempenha um papel essencial, em termos da educação e controle da força individual do soldado” (Coelho, 2018, p. 3).

Nas imagens a seguir da Festa em 2018 (Figura 8) na de 2019 (Figura 9), é possível observar o exército mouro e o seu rei. As diferenças na composição dos seus trajes ficam evidentes à primeira vista pela maneira que são utilizadas as bandas e correntes que cruzam o tórax. Na composição dos figurinos também é respeitada a hierarquia, o rei, por ser o líder e ter mais poder, contém mais riqueza no seu figurino, utiliza o mesmo que os mourisqueiros, porém o dobro.



Figura 8 - Mourisqueiros e o Reimoeiro em fila

Fonte: André Ferreira – “Exposição Bugios e Mouriscos em registo fotográfico” 2020. Centro de Documentação da Bugjada e Mouriscada



Figura 9 – “Dança de apresentação junto da casa do Reimoeiro”

Fonte: André Ferreira. “Exposição Bugios e Mouriscos em registo fotográfico” 2020. Centro de Documentação da Bugjada e Mouriscada

No decorrer da Festa, todos os mourisqueiros marcham perfeitamente alinhados. O Reimoeiro vai à frente comandando, enquanto o exército marcha ao ritmo da música “Dançam quase sempre ao som de tambor, em coreografias fisicamente exigentes e prolongadas” (Pinto, 2000, p. 4). Sem pausas, os mourisqueiros seguem pelas ruas de Sobrado marchando com consistência em movimentos extremamente sincronizados que demonstram a sua força tanto física como mental. “A atitude desta formação é severa, o seu aprumo é impecável, os seus movimentos são sóbrios, viris cadenciados e em tudo procuram dar uma ideia de tropa disciplinada e decidida” (Abelho, 1971, p.74).

“As pessoas são muito críticas e ouves críticas de quem não esperavas.” (E1)

“...quando acabas o teu dia como rei vais-te sentir frustrado porque vais ouvir mais opiniões negativas do que positivas” (E1)

“Porque tudo está a ver, tudo crítica, e embora não digam de caras a ele dizem depois aos outros...” (E4)

“É que também, se tu não fizeres o serviço como deve de ser és criticado, cuidado! És muito criticado!” (E6)

O esforço é tal que, E1 que já assumiu o papel de Reimoeiro afirma:

“Eu cheguei a casa, tomei banho, e tive mais de 5 horas acordado porque me saltavam os músculos todos da perna. Mexer pescoço, eu tive luxações nos ombros, tive o pescoço descarnado. Tive tudo, tudo. Foi caótico” (E1).

Integrada pelo reimoeiro e vários pares de mourisqueiros, entre eles seis ocupam postos de destaque: dois guias, dois meios e dois rabos, independentemente das suas posições as fardas não se distinguem dos restantes mourisqueiros, porém é obrigatório que os pares correspondam no que diz respeito aos padrões das listras e cores dos seus trajés.



Figura 10 – Os pares do exército mouro
Créditos: Bekia Motta, 2019

Com espada em riste, no punho das quais lenços brancos haviam sido atados, os *Mouriscos* estavam a dançar no quinteiro da casa do padre. Usavam fatos de algodão de cor clara com botões dourados e cintos vermelhos e faixas. Traziam na cabeça barretinas de cartão de cerca de 30 centímetros de altura, das quais pendiam pequenos espelhos, galões dourados e encimado por plumas vermelhas. Organizados em duas linhas compridas, de rostos graves e sérios, dançavam nos seus lugares, enquanto o seu rei, que se distinguiu pelo uso de correntes douradas e dragonas, saltava de uma ponta para a outra da linha, dançando à vez com cada um dos pares dos seus homens (Gallop, 1936/1961, p.171-172, cit.em Pinto, 2011).

O facto de estarem a pares, com o mesmo padrão nos trajes, tem como objetivo transmitir o visual uniforme do grupo, a partir do senso estético harmonioso e coerente que vai de encontro com a história narrada. O esforço do grupo dá-se pelo equilíbrio entre o físico e o metal que precisa ser administrado a todo o momento, visível no desempenho das danças, no ritmo das marchas, que, assim como o figurino, andam em sincronismo. Estes elementos complementam-se e comunicam o tempo todo, como manda a tradição do exército mouro.

Tem de haver paixão para se dançar bem. Tem de haver, acima de tudo, paixão. É a dança mais linda que pode haver. Tens de olhar para a dança com classe porque tu és um mourisqueiro! Um mouro! És um gajo com imponência! Tens uma farda, tens ouro, tens uma espada, tens a cara descoberta, umas botinhas e tens que ser bonito a dançar. Tens de ser vaidoso. E quando se é vaidoso a dança tem que ser vaidosa também (E1).

“Psicologicamente é mais complicado do que a parte física” (E1).

“Em termos psicológicos é mais complicado porque há sempre aquele nervosismo e é assim somos o centro das atenções, nós e o velho.” (E2)

“Aquilo não é para todos, eu mesmo minimamente preparado sei o que aquilo custa no dia e já começa a custar mais do que custava há 10 ou 15 anos atrás.” (E3)

Todos os acessórios utilizados no complemento dos trajes são imprescindíveis na sua riqueza simbólica e visual, O espadim, “Tem dimensão um pouco menor do que a espada e é utilizada por todos os Mouriscos, incluído o Reimoeiro. Do copo do espadim pende um lenço branco” (Pinto, 2014, p. 6).



Figura 11 - Acessórios do Reimoeiro

Fonte: André Ferreira. “Exposição Bugios e Mourisqueiros em registos fotográficos” 2020. Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada

Como refere Abelho:

Caprichosamente fardados, dólman de boa fazenda, recamada de aplicações de veludo, calça justa à perna e botas altas, usam na cabeça uma alta barretina do tipo usada nas campanhas napoleónicas, adornadas de espelhos, que reflectem o sol dardejante daquela hora do meio-dia, e na mão seguram uma longa espada de cavalaria noutros tempos talvez fosse um alfange, que portam com garbo e galhardia. Em colares de múltiplas voltas ou postas ao tiracolo à maneira de talabarte, usam grossos cordões de ouro, juntamente com pulseiras ou braceletes de mesmo metal. Ao seu chefe chamam o «Rei Moeiro» (Rei Mouro), que se apresenta ainda mais ricamente vestido, distinguindo-se sobretudo por vistosas dragonas douradas (Abelho. 1971, p. 73-74).

Um dos elementos do traje que mais se destaca são as dragonas utilizadas pelo rei mouro e, igualmente, pelo velho da bugiada¹¹. Esta peça é de extrema importância na composição dos figurinos, tanto de um chefe, quanto do outro, “...conferindo-lhes autoridade e prestígio” (Pinto, 2014, p. 6) trazendo consigo histórias e curiosidades que ficam como lembrança¹² dos que participaram da festa.

¹¹ Em conversa informal, o director do Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada, Dr. PM explicou que: “Normalmente as dragonas são em metal dourado e têm franjas. Entraram como adereços nos uniformes militares pelos finais do séc. XVIII. Eram usadas pelos detentores de postos hierarquicamente superiores.”

¹² Como segue contando o Dr. P., numa conversa informal com a investigadora.: “As dragonas que aqui se expõem, em metal e em franja de fio dourada são antigas. Não se sabe quando entraram pela primeira vez na Bugiada e Mouriscada. Sabe-se é que foram muitas vezes usadas ao longo dos anos, quer aos ombros do velho, quer aos ombros do reimoeiro. Atualmente são detidas pelo Sr. ASF e pertenceram ao seu avô, JRF. Curiosamente, este, em meados do século passado, enquanto rei dos bugios, foi preso pelo seu filho, LRF, na qualidade de rei dos mourisqueiros.”



Figura 12 – Dragonas
Crédito: Bekia Motta, 2020



Figura 13 - Barretinas Reimoeiro e Velho da Bugiada
Fonte: blog da Festa de S. João de Sobrado (<http://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2011/>)¹³

Assim como as dragonas, as barretinas usadas pelos mourisqueiros têm um grande destaque e impacto, tanto pelo que carregam em termos simbólicos, como pela sua beleza e imponência. Segundo Coelho (2018), a estética das barretinas, assim como todo o fardamento militar português, é atribuído de uma forte influência francesa. “Este artigo, para lá da inspiração, era na realidade muito semelhante aos mesmos tipos de quépis franceses em uso na época” (p. 8). Teixeira (2015) reforça que “A indumentária religiosa, militar e civil constitui um dos reflexos fundamentais destas três componentes essenciais da sociedade moderna, que perdurou grosso modo até aos anos 60 do século XX” (p. 358).

¹³ “A barretina que expomos é de Reimoeiro, tem suporte para uso de três plumas, ao passo que as dos restantes Mourisqueiros apenas suportam dois destes adornos” (Dr. PM).

No caso concreto da festa em análise, as barretinas têm uma formatura rígida de uns 40 centímetros de altura. São peças cilíndricas revestidas a tecido, adornadas com fitas às cores, espelhos e motivos dourados e encimadas por plumas coloridas. No lado oposto aos mourisqueiros, o velho da bugiada possui, igualmente, na sua indumentária uma destas peças. As barretinas da festa da Bugiada e Mouriscada, comparativamente com as usadas pelos militares do séc. XIX, são mais vistosas e exuberantes “Corre em Sobrado uma referência que relaciona a festa da *Bugiada* com a guerra civil entre liberais e miguelistas, nos anos 30 do século XIX” (Pinto, 2000, p. 16). Curiosamente, espelhos são aplicados ao redor das barretinas de ambos os exércitos. A explicação simbólica para a utilização deste objeto é a de refletir o “mau que possam tentar contra eles” (E8).



Figura 14 - Reimoeiro e os Mourisqueiros

Fonte: André Ferreira. “Exposição Bugios e Mourisqueiros em registos fotográficos” 2020. Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada



Figura 15 - Reimoeiro marchando

Fonte: André Ferreira. “Exposição Bugios e Mourisqueiros em registos fotográficos” 2020. Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada

Imagens de barretinas originais que inspiraram as barretinas do figurino dos reis da festa da Bugiada (Figura 16).



Figura 16 - Barretina ao longo dos anos

Fonte: blog da Festa de S. João de Sobrado (<http://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2011/>)

Em termos temporais, afirmam os entrevistados que todos os elementos que compõem o figurino dos mourisqueiros são mantidos até aos dias de hoje, com a diferença que, no início do século XX (Figura 17) os trajes seriam mais claros. Pois, nesta época não se utilizava a prática de tingir o tecido (linho, tecido tradicionalmente usado para as fardas). O colorido que hoje vemos no padrão listrado foi aplicado pelo exército, sendo esta uma das adaptações apontadas pelos documentos fotográficos. Do linho (tecido de fibra natural) sem tingimento, os trajes dos mourisqueiros passaram a ser confeccionados em tecidos de fibras sintéticas, que levam um tingimento multicolorido no padrão listrado. Hoje, as cores vibrantes se tornaram uma “marca” da identidade dos trajes dos mouros e da festa da Bugiada, que caíram no gosto popular.



Figura 17 - Mourisqueiros, início do séc. XX.
Fonte: Arquivo Histórico Municipal de Valongo¹⁴

Os integrantes do exército mouro podem alugar os seus fatos, assim como as polainas e alguns acessórios, que são cedidos pela Casa dos Bugios (instituição criada em 1993 responsável por promover e organizar a festa). Depois da festa, retornam para o mesmo espaço onde são conservados e ficam sob a responsabilidade da instituição.

¹⁴ Recuperado um pedaço da história da festa do S. João de Sobrado, esta figura trata-se de uma foto que pode ter por volta dos cem anos. A imagem que aqui se apresenta, foi obtida por digitalização caseira (e sem tratamento) a partir de um negativo em vidro recentemente incorporado no Arquivo Histórico Municipal Valongo, por doação. Faz parte este negativo do conjunto fotográfico que pertenceu ao 2.º visconde de Oliveira do Paço. Imagem retirada do facebook do Arquivo Histórico Municipal de Valongo em 21.6.2012.



Figura 18 – “Mourisqueiros dentro da igreja” (2016)

Fonte: André Ferreira. “Exposição Bugios e Mourisqueiros em registos fotográficos” 2020. Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada

Sobre os aluguéis dos trajes dos mourisqueiros, em uma conversa informal com o Sr. AC ao telefone, ele explica que:

“A associação da Casa do Bugio não cobra dinheiro pelo aluguel das fardas assim como dos acessórios que fazem parte da mesma como: as espadas, as plumas, as polainas etc., e não cobramos nada e porquê, porque sempre foi assim.”

Como refere Pinto (2000, p. 23), “A Casa dos Bugios constitui, de facto, a garantia de que não só a festa vai continuar a fazer-se, mas que isso vai acontecer com critérios de qualidade”. Assim, os participantes se quiserem, podem alugar na Casa dos Bugios ou encomendar os seus fatos em alfaiates/costureiros para serem feitos sob medida, desde que as regras exigidas sejam seguidas. Estes trajes, quando feitos sob medida, costumam ser guardados de recordação, ou reutilizados para o ano seguinte. Segundo a informação obtida, houve casos em que a Casa dos Bugios ofereceu ajuda financeira para os trajes de reimeiros, o Sr. AC nos relata que “todos os anos há necessidade de ser feito um novo traje sob medida para o respectivo rei, no caso do rei, não existem fatos para aluguel. O valor é bastante elevado quando se manda fazer um traje desses.”

“A minha farda ficou por 980 euros! A farda foi feita numa senhora em Sobrado de Cima, a D. D.” (E1)

A licença poética na criação dos trajes cabe muito bem aos reis mouros, diferentemente dos integrantes do exército. Estes não o podem fazer. Os reis mouros costumam imprimir muito das suas personalidades e gostos pessoais ao longo do processo de criação dos fatos, o que leva aproximadamente um ano para ser concluído.

Em Sobrado, o rei é comparado a uma noiva. Metáfora usada por Dr. PM para dar a dimensão da importância e do trabalho que requer ser um rei, pelo tempo e detalhes que demandam. O processo é longo e minucioso. O traje é feito sob medida e envolve a escolha dos tecidos e acabamentos. O tom do dourado é muito utilizado nas franjas e nos galões - (aviamento para adorno de vestimentas e acessórios muito utilizado para dar acabamento as peças - e que consiste em uma fita que varia de espessura e comprimento). As barretinas também são decoradas com galões aplicados ao “contorno” do traje. Os bordados também são, com frequência, utilizados mediante o gosto do dono do traje, iniciais dos nomes e imagens simbólicas geralmente são as opções mais aplicadas. Tudo isto é pensado e desenvolvido juntamente com o alfaiate escolhido pelo reimoeiro.



Figura 19 - “Reimoeiro, com a ajuda de antigos reimoeiros, veste o seu traje” (2018)

Fonte: André Ferreira. “Exposição Bugios e Mourisqueiros em registos fotográficos” 2020. Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada

A cada ano, a comunidade de Sobrado aguarda ansiosamente para ver como serão as vestes do novo reimoeiro. Mesmo que a estrutura do fato seja a mesma, nota-se que nunca um rei será igual a outro. Não são somente as cores e os tecidos escolhidos que os diferenciam, também os detalhes personalizados discretos como o nó dado na gravata, ou os bordados no punho da camisa e no casaco, como foram os escolhidos pelo Reimoeiro de 2019. Estes detalhes podem não ser muito aparentes aos

olhos do público, mas ajudam e formam a construção do personagem e não passam despercebidos aos residentes de Sobrado.



Figura 20 - Mourisqueiros, na procissão, carregam andor de S. João (2019)

Fonte: André Ferreira. “Exposição Bugios e Mourisqueiros em registos fotográficos” 2020. Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada

Outros fatos de Reimoeiro poderão ser seguidamente analisados, dado que os bordados nos punhos da camisa vão-se diferenciando ao gosto do Reimoeiro de cada ano. No ano de 2019 o rei bordou nos punhos da camisa “Rei Mouru” (Figura 21) e nos punhos do casaco na cor dourada a lua crescente e a estrela, símbolo muçulmano (Figura 22).



Figura 21 - Traje Reimoeiro (2019)
Créditos: Bekia Motta, 2020



Figura 22 – Reimoeiro, bordado no punho

Fonte: André Ferreira. “Exposição Bugios e Mourisqueiros em registos fotográficos” 2020. Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada

A composição do traje dos Mourisqueiros é feita de: casaco, banda ou faixa em tecido aveludado na cor vermelha, cordões dourados, camisa, gravata, calças, polainas (perneira em couro), barretina com duas plumas, espada, luvas brancas e um lenço branco. Os acabamentos são trabalhados nos menores detalhes na cor dourada, com corte do tipo alfaiataria (reto). Traduzem a rigidez do exército (Figura 23).



Figura 23 – Ilustração Mourisco
Créditos: Bekia Motta, 2021

Os tecidos nobres utilizados imprimem riqueza e poder, como o veludo usado nas bandas. A mesma intenção tem o dourado presente nos “contornos” de todas as peças, desde as barretinas¹⁵, passando pelas dragonas do reimoeiro (Figura 24) trabalhadas com franjas, até as longas correntes que cruzam o peito dos mouriscos (antigamente eram corrente de ouro, hoje são correntes de bijutaria alusivas aquele tempo). Todos estes detalhes têm como função denotar o poder e a riqueza de um exército bem-sucedido, que adquiriu *status* de um povo rico e temido pelos seus inimigos.

Por este motivo, o dourado aparece em excesso nos fatos de todos os integrantes do exército mouro e as correntes douradas tornaram-se num símbolo principal alusivo às vitórias dos mouros. Os elementos são os mesmos, a diferença está na forma como o traje é composto. Existe uma hierarquia que distingue o rei do seu exército: o rei possui mais quantidade de correntes, dos dois lados que se cruzam por cima das bandas. Que são, igualmente, maiores e mais adornadas. Este é um dos

¹⁵ “É um objecto cilíndrico que os Mourisqueiros usam na cabeça, decorado com fitas e com espelhos e encimado de plumas. O Velho da Bugiada usa também uma barretina, qe tem, no entanto, um design ligeiramente diferente (termina em bico na parte anterior)” (Pinto, 2014, p.1).

sinalizadores no figurino do reimoeiro que o diferencia do seu exército. Este só utiliza uma banda de um lado e as correntes do outro, em menor quantidade. O mesmo ocorre com as plumas das barretinas. A do reimoeiro contém três, enquanto a do exército tem duas. Acrescenta-se ao traje do Reimoeiro (Figura 24):

Banda, leva duas bandas cruzadas, que formam um X, são vermelhas com acabamento em todo seu entorno em galão dourado.

Dragonas, Cordões dourados, são cruzadas por cima das bandas, cinco de cada lado. Barretina, utilizam-se de três plumas no topo da barretina.



Figura 24 - Ilustração Reimoeiro
Créditos: Bekia Motta, 2021

A apresentação de desenhos técnicos consiste em poder analisar os trajes da Bugiada e Mouriscada por outra perspectiva. Este tipo de desenho é uma ferramenta que possibilita a interpretação dos trajes com exatidão das características contidas nele. Serve também como material

de documentação que fornece informações que podem ser consultadas por gerações futuras. Observe estas diferenças nos desenhos técnicos seguintes (Figura 25 a 28).

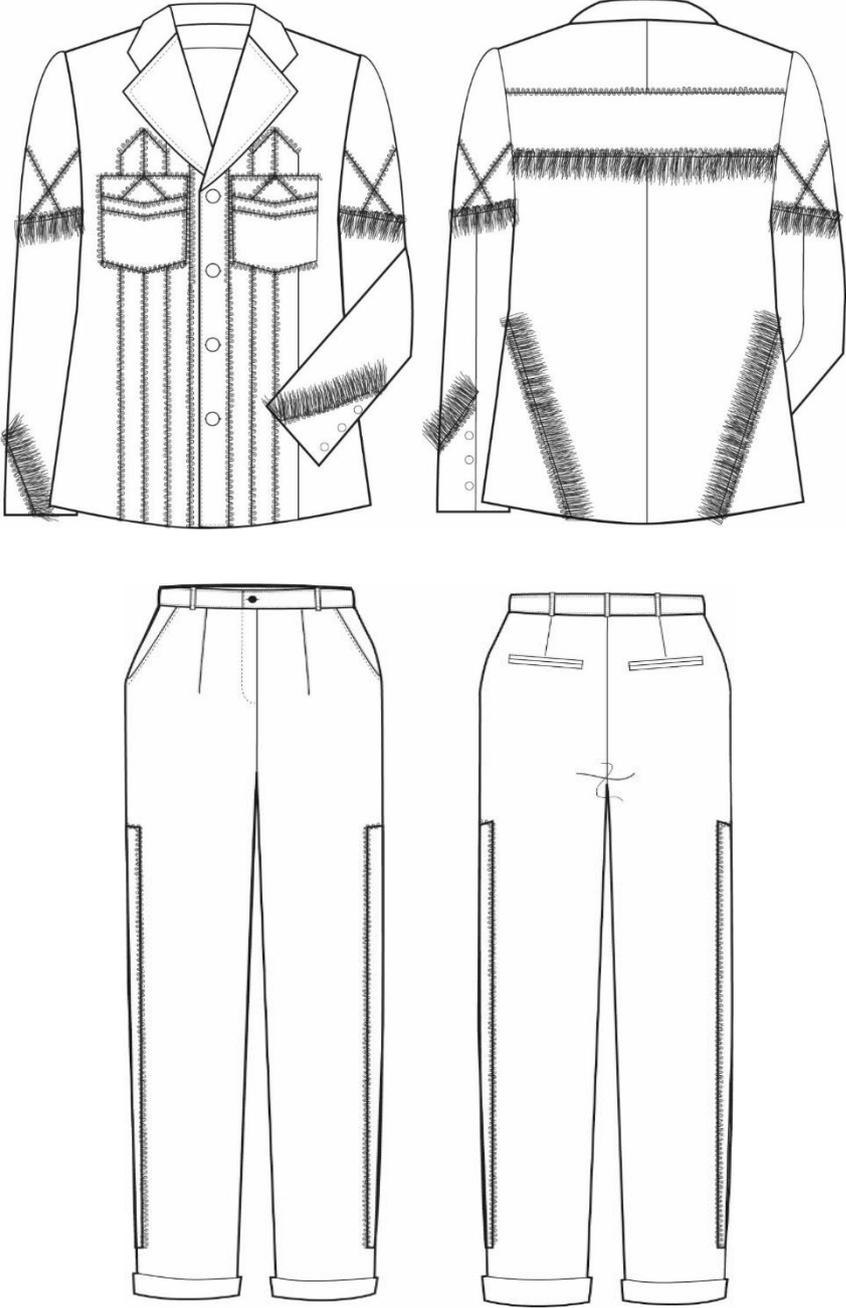


Figura 25 - Desenhos técnicos Mouriscos
Créditos: Bekia Motta, 2021

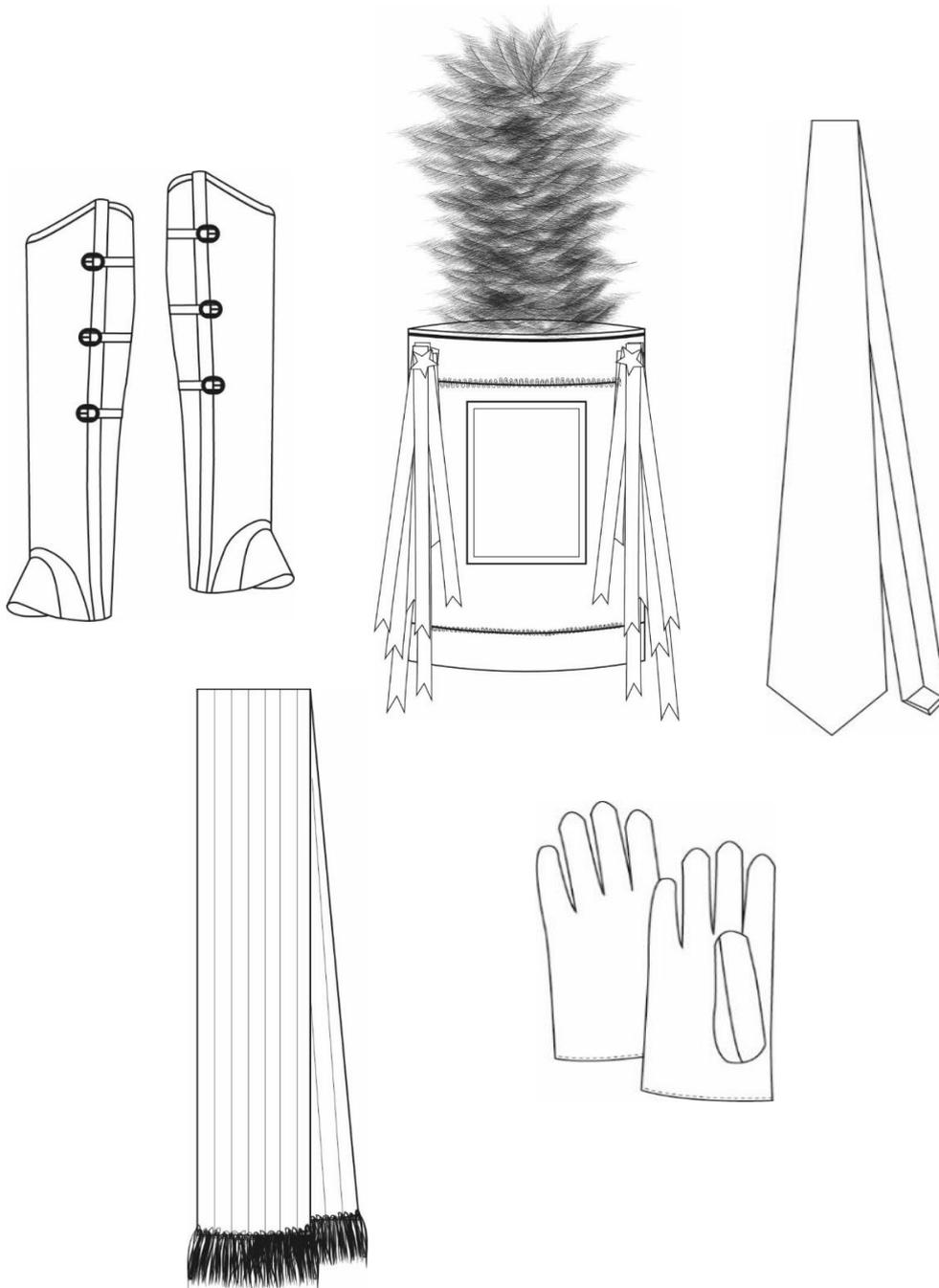


Figura 26 - Desenhos técnicos acessórios dos Mouriscos
Créditos: Bekia Motta, 2021

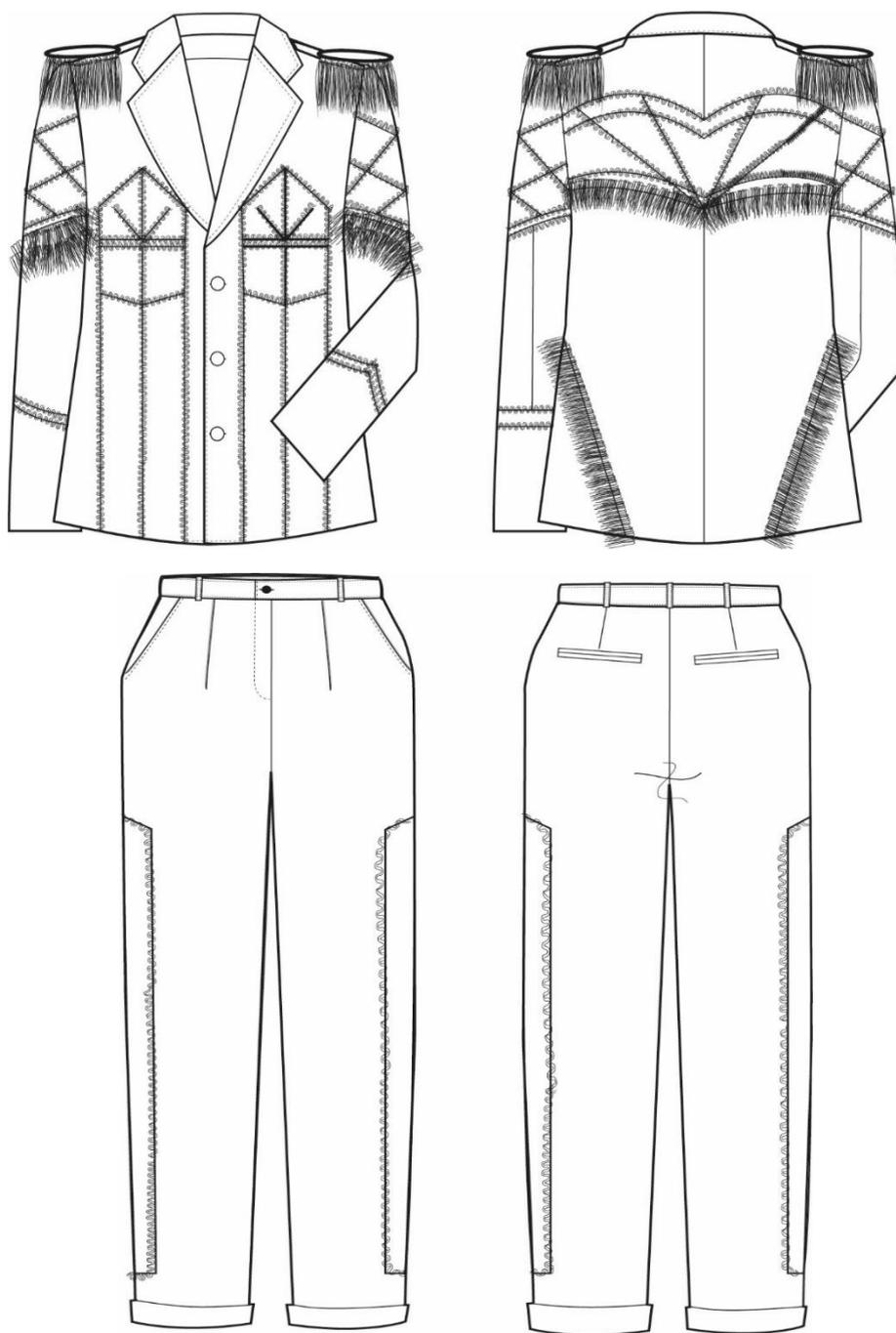


Figura 27- Desenhos técnicos Reimoeiro.
Créditos: Bekia Motta, 2021

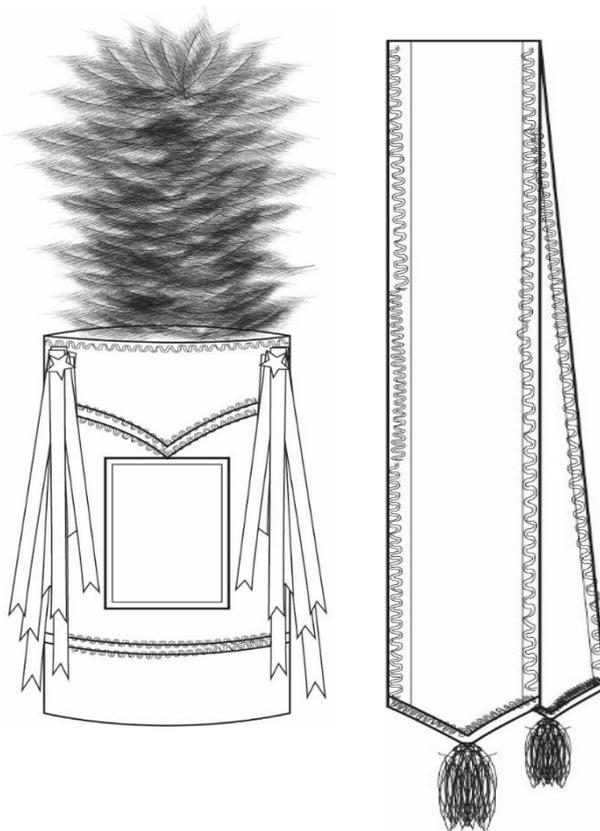


Figura 28 - Desenhos técnicos acessórios do Reimoeiro
Créditos: Bekia Motta, 2021

3.4.2. Exército Cristão (Bugios)

Os Bugios são compostos por centenas (podem chegar a quinhentos) de participantes, sem restrição de idade, desde novos aos mais velhos, casados ou solteiros podem participar da bugiada “É contra o costume a participação de mulheres, embora elas participem a coberto de máscara, que lhes permite o anonimato” (Câmara de Valongo, 2019). Apresentam-se mascarados em trajes amplos e multicolores, como salienta Pinto (2000) “é fácil impressionar as gentes com trajes, danças e costumes tão exóticos e colorido” (p. 19).

Este exército também conta com um par de Guias (vão à frente) e um par de Rabos (são os últimos). Estes são os homens de confiança do Velho da Bugiada. É obrigatório o uso de máscaras por todos, “Os bugios têm máscara e falam muito conosco mas ninguém os vê a falar.” (E2) gostam de interagir com o público enquanto alegremente dançam, saltam, gritam ao longo de todo o dia da festa. Sempre desordenados a correr com movimentos expansivos, chamam atenção pelo barulho dos trajes. Os bugios levam cosidos nos seus calções guizos (objeto metálico com uma abertura que contém dentro uma bola maciça que ao agitado produz um som semelhante a um chocalho) e nas suas mãos castanholas, que servem “como forma de expressão e para marcar ritmo de algumas danças” (Pinto,

2014, p. 3), menos o Velho da Bugiada se utiliza deste instrumento. Outro destaque do figurino dos bugios são as cores vibrantes que o compõem em uma mistura de tecidos (o veludo é o tecido mais utilizado pela bugiada) cozidos no estilo *patchwork* (pedaços de tecido de cores ou padrões diferentes cosidos uns nos outros) o que proporcionam que cada fato seja único.

As cores primárias prevalecem. O vermelho é a cor predominante do exército bugio, mas os tons de verde, azul e amarelo são estratégicos. Para conferir contraste de cores, as aplicações dos tecidos são feitas em “cortes geométricos”, sendo reproduzidas desta forma nas capas, casacos e calções. Outro detalhe importante são os acabamentos, que em todas as peças são trabalhados intensamente com aplicação de rendas, franjas, estrelas e galões (dourados). Desta forma, os trajes dos bugios transmitem a alegria e descontração dos seus componentes, comunicando através dos fatos com formas fluídas e cores impactantes ao espírito do exército bugio. Nas imagens a seguir conseguimos ver esses elementos em “ação” durante a apresentação dos bugios na festa.



Figura 29 - Bugios na festa de 2019
Créditos: Bekia Motta, 2019



Figura 30 – Exército dos Bugios

Fonte: André Ferreira. “Exposição Bugios e Mourisqueiros em registos fotográficos” 2020. Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada

Os trajes da bugiada mantêm a sua estrutura estética tradicional ao longo do tempo. Porém, são sujeitos a algumas alterações no que diz respeito às tonalidades dos tecidos, padrões e cores usadas, bem como nos materiais utilizados para os acabamentos. O tecido de veludo foi “adotado” pelos Bugios há pelo menos trinta anos. Antes, eram confeccionados em cetim (em tons coloridos). Não temos imagens desse figurino, mas essa informação foi confirmada pelo Sr. PM.

[os fatos agora] São em veludo mas quem quiser pode fazer em cetim, em bombazina. Antigamente faziam quase tudo em cetim porque era barato e o cetim é uma coisa muito bonita porque onde bate o sol, brilha. O cetim brilha, espelha. Agora não presta se apanhar chuva mas se for num dia de sol é muito bonito. E o nosso manto é muito pesado. Eu não sei mas deve pesar à volta de 6, 7 quilos. Imagine todo molhado! (E4)

A história que nos contam sobre o primeiro manto usado pelo Velho da Bugiada teve início a partir da ideia de utilizar uma cortina de veludo em tom vermelho (desde que se sabe a cor do manto sempre foi o vermelho escuro), que era amarrada pela banda, e alfinetada ao corpo do Velho até que ficasse segura, não tinha sido confeccionado propriamente para o seu figurino. Só na década de cinquenta foi produzido o primeiro manto (Figura 31) que, por muitos anos, serviu de traje oficial para o Velho da Bugiada, como nos conta o Sr. AC:

O primeiro manto datado por volta dos anos cinquenta foi o mesmo para muitos, até meados dos anos noventa. No ano de noventa e dois, foi feito o segundo manto, este já sob medida para o Velho desse ano, mas já no ano seguinte foram necessárias modificações para se ajustar as medidas do próximo Velho, depois no ano a seguir ficava mais curto para o próximo.



Figura 31 - Primeiro manto, Velho da Bugiada
Créditos: Bekia Motta, 2020

No ano de 1989, foram aplicados os bordados e rendas, assim como as franjas douradas, estando este manto exposto no Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada.



Figura 32 - Segundo manto, Velho da Bugiada
Créditos: Bekia Motta, 2020

Foi então que, entre os anos de 1994/1995, juntamente com o facto de uma melhora expressiva na situação económica da comunidade de Sobrado, surgiu a possibilidade de cada Velho da Bugiada poder “criar” (sempre dentro da tradição) e confeccionar o seu próprio traje, à medida com o alfaiate de sua confiança. Como podemos ver na figura 32, o segundo manto (também exposto no Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada) aparece com mais aplicações de franjas e bordados, porém segue o mesmo padrão estético do primeiro manto. Desta forma, o Sr. AC diz que: “Começaram a fazer aos seus olhos, mas sem esquecer as origens.”

Na Figura 33, vemos um bugio ao lado do pai que no ano de 1989 foi o Velho da Bugiada. O pai está a vestir o primeiro manto. Os bordados e as franjas douradas foram aplicados ao manto para a sua interpretação de Rei dos Bugios neste ano.



Figura 33 – Bugios, pai e filho
Fonte: Foto cedida do acervo pessoal de AC

Gallop em sua visita a festa em 1932 o descreve como:

O rei dos bugios o único que não ia mascarado, posicionava-se no centro. Usava uma barretina alta e emplumada e um manto eclesiástico de rico damasco encarnado debruado a ouro, com uma dobra sobre os ombros (foi-nos dito que o Rei Bugio tem um privilégio que consiste em poder escolher o seu vestido de entre as vestes ou adereços da igreja). Enquanto os seus seguidores saltavam desajeitadamente nos seus lugares, o rei convocava, à vez, cada um dos pares e mediante os gestos balanceados de um nigromante parecia transmitir-lhes perversas e secretas ordens. De seguida, levantando ligeiramente os braços e as mãos, despedia aquelas figuras meio encolhidas. Uma volta e um salto colocavam-nos no fim da fila (Gallop, 1936/1961, p. 171-172, cit. em Rodney Gallop- São João de Sobrado em 1932 | SÃO JOÃO DE SOBRADO (wordpress.com)).

Nas fotografias disponibilizadas do acervo pessoal do Sr. AC, observa-se o registo dos preparativos na manhã da festa (Figura 34), bem como o já caracterizado Velho da Bugiada, no decorrer da festa (Figura 35).



Figura 34 – Preparação, Velho da Bugiada (2019)
Fonte: Foto cedida do acervo pessoal de AC



Figura 35 - Velho da Bugiada na festa (2019)
Fonte: Foto cedida do acervo pessoal de AC

Quanto a outros elementos do traje do Rei dos Bugios, é composto por dragonas, na (Figura 36) podemos ver o antes e depois das dragonas serem tingidas ao tom de cor “ouro velho” pretendido pelo Velho da Bugiada de 2019.



Figura 36 - Dragonas Velho da Bugiada (2019)
Fonte: Foto cedida do acervo pessoal de AC



Figura 37 – Barretina Velho da Bugiada (2019)
Fonte: Foto cedida do acervo pessoal de AC



Figura 38 - Barretina de 1996, exposta no Centro de Documentação da Bugiada e Mouriscada
Créditos: Bekia Motta, 2020

A composição dos trajes dos Bugios é feita por: máscara (utilizam-se de aplicação de folhos, brancos ou vermelhos em algumas máscaras) gibão (casaca), capa (sobre os ombros de manhã e de tarde sob um dos braços), faixa na altura da cintura, calção com dois guizos fêmeas e dois machos

pendurados na lateral; meias coloridas, lenço de seda/cetim ao pescoço, chapéu revestido de tecido de abas largas com penacho (fitas de papel multicores e penas), castanholas numa mão, na outra um martelo (ou outro diferente objeto) e luvas brancas (Figura 39).



Figura 39 – Ilustração Bugio
Créditos: Bekia Motta, 2021

O traje do Velho da Bugiada destaca-se pelas diferenças; utiliza um manto, dragonas, folho na máscara (são duas máscaras ao longo da festa, de manhã uma alegre e a tarde uma de expressão trágica), bandas em veludo vermelho que cruzam o peito, uma “corda” branca, com franjas douradas nas pontas em volta da cintura, barretina cilíndrica que diferentemente da utilizada pelo reimoeiro termina em formato de bico, com penachos no topo originalmente, hoje também são utilizadas fitas multicores. Os Reis dos Bugios não levam nada nas mãos (Figura 40).



Figura 40 – Ilustração Velho da Bugiada
Créditos: Bekia Motta, 2021

Os desenhos técnicos nos permitem ver nos pormenores os trajes dos Bugios (Figura 41 e 42).



Figura 41 - Desenhos técnicos Bugios I
Créditos: Bekia Motta, 2021

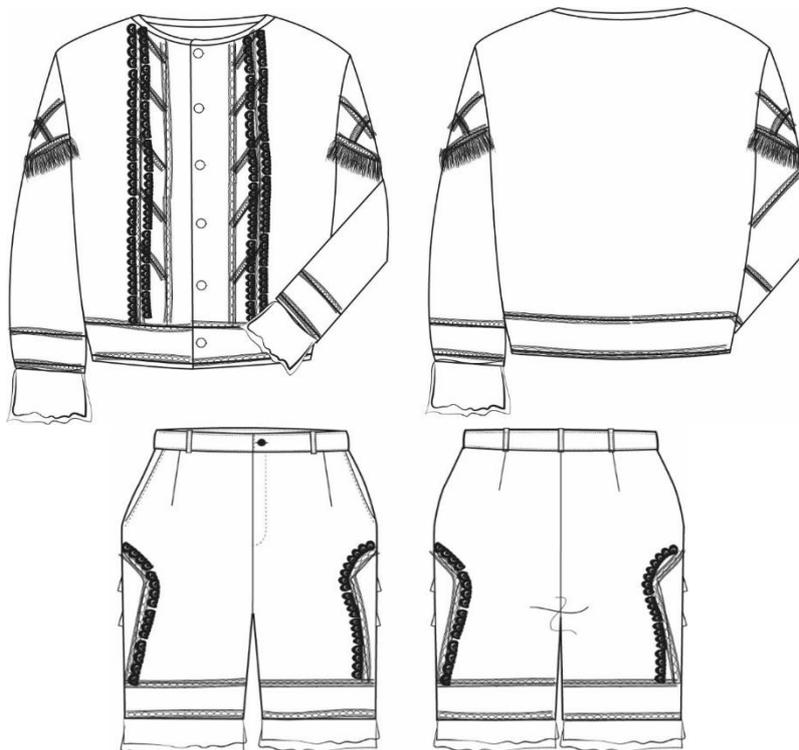


Figura 42 - Desenhos técnicos Bugios II
Créditos: Bekia Motta, 2021

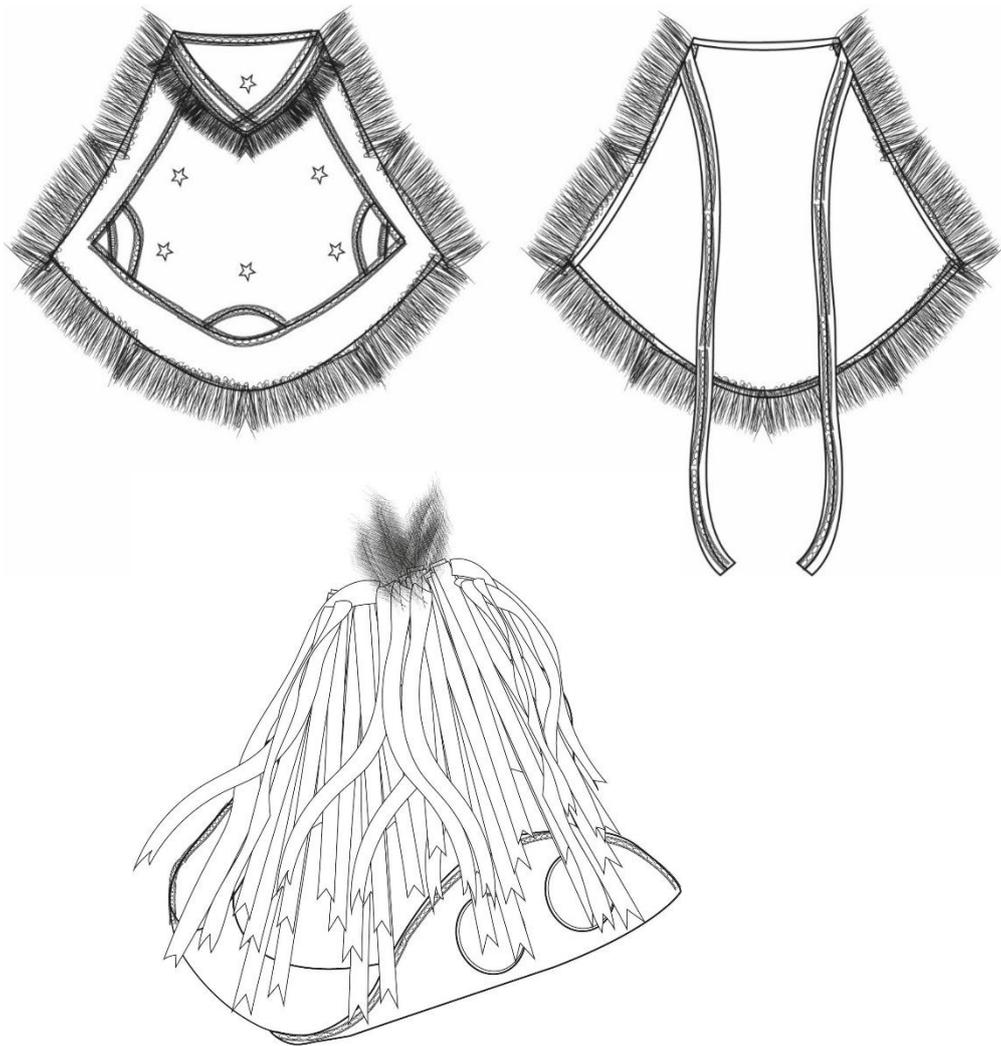


Figura 43 - Desenhos técnicos acessórios dos Bugios
Créditos: Bekia Motta, 2021

Por fim, observe-se detalhes do traje do Velho da Bugiada (Figura 44 e 45).

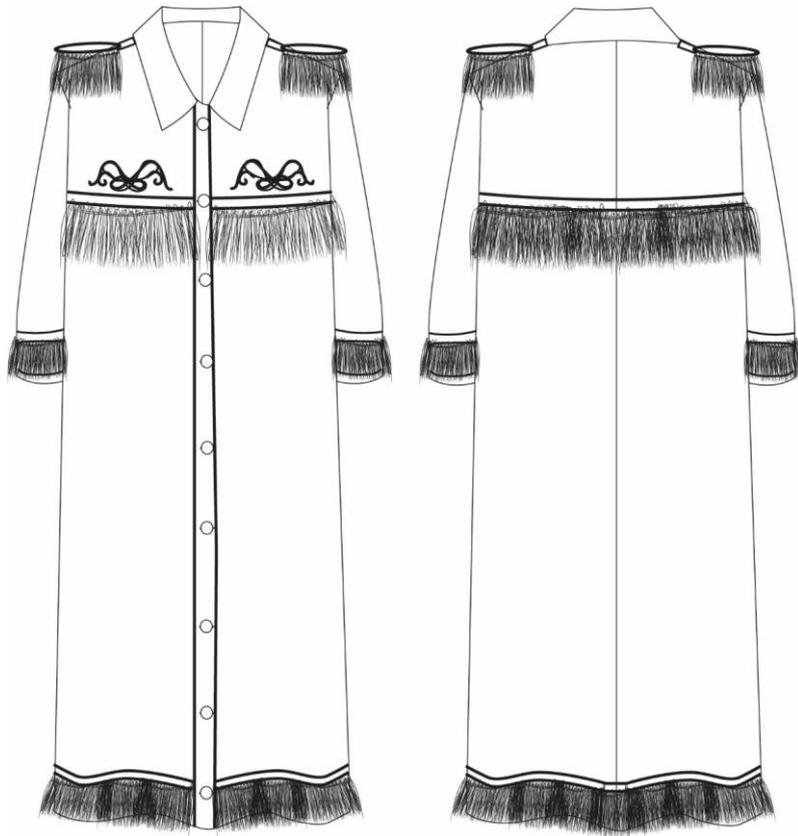


Figura 44 - Desenho técnico Manto do Velho da Bugiada
Créditos: Bekia Motta, 2021

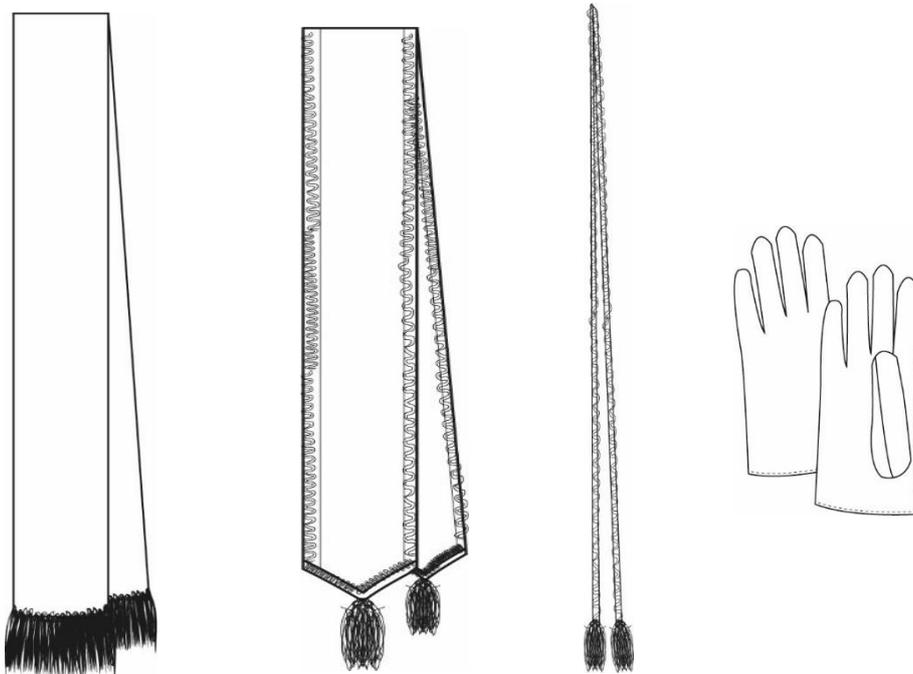


Figura 45 - Desenhos técnicos acessórios do Velho da Bugiada
Créditos: Bekia Motta, 2021

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, tivemos como objetivo fazer uma análise do traje utilizado na Festa da Bugiada e Mouriscada de Sobrado, com a intenção de prover a descrição e a interpretação dos processos de produção e uso dos trajes da festa, numa perspectiva temporal. Tendo como questão central a evolução desta indumentária, destacando como se dão e quem interfere no *design*, na confecção e nos arranjos dos trajes, de modo a esclarecer sobre:

1. A dimensão da variação e inovação verificada no traje da festa e o modo como são interpretados pelos diversos atores e participantes;
2. A importância dos trajes para a comunidade como elemento consolidador da festa da Bugiada e Mouriscada, apresentados pelos vários intervenientes e participantes;
3. O envolvimento da comunidade nos processos de confecção e uso da indumentária;
4. A importância do processo de produção e de criação dos trajes para a comunidade;
5. A relevância do traje na estruturação do tempo e na constituição do valor simbólico e celebrativo da festa.

O processo de pesquisa da análise à Festa da Bugiada e Mouriscada permitiu a investigadora concluir que se trata de uma festa rica em códigos e elementos simbólicos complexos, que são apresentados na sua narrativa, através das danças, das músicas e dos seus trajes. Por se tratar de uma festa “antiga”, o seu “tempo” é reproduzido e revivido todos os anos segundo os moldes mais próximos de que se tenha informação.

Para chegarmos ao tema em causa; o traje da Bugiada e Mouriscada, foram realizadas revisões literárias relacionadas às festas populares e ao papel da indumentária na sociedade, com o propósito de nos ambientarmos nestes universos para tratar com maior propriedade os objetivos ambicionados neste trabalho.

Através do estudo empírico e dos documentos analisados podemos concluir que com o passar dos anos, os trajes da festa sofreram adaptações. Os entrevistados confirmam essas mudanças, porém entendem a importância de manter a sua estética original, e que a “licença poética” criativa destas

alterações é cedida apenas para pequenos detalhes. Do contrário, para os residentes de Sobrado, deixaria de ser o traje da festa.

Concluiu-se que, este figurino é parte substancial da identidade da festa, sendo um elemento simbólico e funcional simultaneamente. Os trajes servem de base para toda a produção visual da festa, delimitam os espaços ao longo da apresentação e auxiliam na comunicação do enredo. A transmissão geracional das tradições da festa também é feita através do traje, foi possível confirmar que a comunidade valoriza a conservação assim como a passagem dos trajes mais antigos às novas gerações, que entendem nesse movimento o sentimento de pertença e um traço da identidade local.

A Festa da Bugiada é realizada com grande intervenção comunitária. A indumentária da festa é confeccionada dentro de Sobrado e pelos da comunidade, confirmando-se como uma tradição que deve ser preservada. As entrevistas e o trabalho de campo executado em Sobrado evidenciaram que o traje e seu simbolismo estão presentes na dinâmica da sociedade antes, durante e após a festa.

Concluiu-se que o envolvimento da população em torno deste elemento, implica em questões relacionadas ao investimento financeiro e ao planejamento de tempo dedicados aos trajes e aos seus processos, principalmente em aspetos afetivos e emocionais como foram demonstrados durante a pesquisa por todos os envolvidos. Os relatos dos entrevistados nos destacam que, os trajes contêm um valor material e simbólico imprescindível para a construção da lenda da Bugiada e Mouriscada de Sobrado, identificando-o como elemento fundamental para comunicar a narrativa da festa, mas que, para além disso, está presente na vida dos que habitam Sobrado.

Face ao referido, importa salientar a necessidade da manutenção e da preservação deste património cultural material da Festa da Bugiada e Mouriscada, tema aqui abordado com o intuito de incitar à discussão desta possibilidade, dada a escassez de estudos específicos sobre os trajes da Bugiada.

Importa ainda, expressar algumas limitações durante o período do estudo. Entende-se que desenvolver a investigação durante a pandemia do covid 19 levou a que não houvesse Festa nos anos 2020 e 2021, tendo apenas a investigadora assistido presencialmente à Festa em 2019. Apesar das circunstâncias adversas, este trabalho foi conduzido sempre com muito empenho e rigor científico. Porém, fica a certeza de que teria sido de grande valia obter mais informações *in loco*. A par disto, sugere-se, para estudos futuros, que se faça uma investigação longitudinal, que permita recolher,

documentar e cruzar mais informações junto dos intervenientes, bem como analisar a evolução dos trajes, como foi iniciado neste trabalho. Para que daqui para a frente possamos ter um acervo dos trajes da Bugjada e Mouriscada, a fim de dar seguimento no que diz respeito a documentação dos trajes nos formatos de desenhos e fotografias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Abelho, A. (1971). *Teatro popular português: Entre Douro e Minho*. Braga: Ed. Pax.

Alge, B. (2007). *O “mouro” como elemento comparativo em duas performances de Mourisca em Portugal*. *Revista de Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 47(1-4), p. 71-92.

Almeida, B. B. A. L. (2013). *Miragens do Oriente: os mouros míticos no imaginário narrativo-performativo brasileiro* (Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro). Disponível em: <https://doi.org/10.34624/fb.v0i11.5374>

Amaral, R. C. M. P. (1998). *Festa à Brasileira Significados do festejar, no país que “não é sério”* (Tese de Doutorado, Universidade de São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas). Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8134/tde-21102004-134208/publico/tesecapa1.pdf>

Anicet, A., Pereira, C. K. & Laschuk, T. (2012). *Mapeamento dos processos artesanais têxteis na região metropolitana de Porto Alegre. 1st International Fashion and Design Congress*. Universidade do Minho: Portugal.

Araújo, E., Silva, M., & Ribeiro, R. (2019). *O tempo da comunidade e o tempo do turismo: notas sobre duas festas*. *Revista Lusófona De Estudos Culturais*, 6(2), p. 89-107.

Balandier, G. (1999). *O poder em cena*. Coimbra: Ed. Minerva.

Barthes, R. (2005). *Inéditos. Volume 3 - Imagem e Moda*. São Paulo: Martins Fontes - Selo Martins.

Barroso, L. P. (2014). *Estudo das potencialidades do linho na moda contemporânea* (Dissertação de Mestrado, Faculdade de Engenharias da Universidade da Beira Interior). Disponível em: https://ubibliorum.ubi.pt/bitstream/10400.6/5697/1/3629_7312.pdf

Baudrillard, J. (1996). *A moda ou a magia do código*. Em *A troca simbólica e a morte* (p. 111-129). São Paulo: Ed. Loyola.

Brito, E., & Faustino, M., R. (2013). *VOLTA: pela festa de S. João de Sobrado*. Guimarães: CAAA Centro para os Assuntos da Arte e Arquitectura.

Bakhtin, M. (1996). *Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: Contexto de François Rabelais*

(3.^a ed.). São Paulo – Brasília: Ed. Hucitec.

Bourdieu, P. & Delsaut, Y. (2008). *O costureiro e sua grife: contribuição para uma teoria da magia*. Em *A produção da crença: contribuição para uma economia dos bens simbólicos*, p. 113-190. Porto Alegre: Zouk.

Canclini, N. (1999). *Los usos sociales del patrimonio cultural*. Em Encarnación Aguilar Criado (org.). *Patrimonio Etnológico. Nuevas Perspectivas de Estudio* (p. 16-33). Instituto Andaluz de Patrimonio Histórico.

Castro, M. S. F. & Costa, N. C. R. (2010). *Figurino – o traje de cena*. *Iara – Revista de Moda, Cultura e Arte*, 3(1), p. 79-93.

Coelho, S. V. (2018). O combatente português da grande guerra fardamento e equipamento. Em *Portugal na 1^a Guerra Mundial - Uma História Militar Concisa*. Lisboa: Comissão Portuguesa de História Militar.

Crane, D. (2006). *A moda e seu papel social: Classe, gênero e identidade das roupas*. São Paulo: Ed. Senac.

Crane, D. (2011). *Ensaio sobre a moda, arte e globalização cultural*. São Paulo: Ed. Senac.

Crist, B. G. (2014). *The Art of Costuming: Interpreting the Character through the Costume Designer's Eyes* (Dissertação de Honra Sênior, Liberty University). Disponível em: <https://digitalcommons.liberty.edu/honors/443>

Cruz, M. S. R., Menezes, J. S. & Pinto, O. (2008). *Festas Culturais: Tradição, Comidas e Celebrações*. I Encontro Baiano de Cultura – I EBECULT – FACOM/UFBA. Salvador: Brasil.

Cunha, L. (2019). *Mouros contra cristãos: da diferença que explica a guerra ao encontro de culturas*. *Revista Lusófona de Estudos Culturais*, 6(2), p. 37-49.

Durkheim, É. (1968). *Les formes élémentaires de la vie religieuse*. Paris: PUF.

Durkheim, É. (1999). *Da divisão do trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes.

Duvignaud, J. (1983). *Festas e civilizações*. Ed. Universidade Federal do Ceará & Rio de Janeiro: Tempo Brasil.

- Eliade, M. (2001). *O Sagrado e Profano. A essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes.
- Embry, E. (2018). *The art of the dress: how getting into costume affects an actor's self-perception* (Dissertação de Honra, The University of Southern Mississippi). Disponível em: https://aquila.usm.edu/honors_theses/559/
- Geertz, C. (1989). Uma descrição densa: por uma teoria interpretativa da cultura. Em *a Interpretação das Culturas* (p. 3-7). Rio de Janeiro: LTC – Livros Técnicos e Científicos Editora S.A.
- Haye, A. & Wilson, E. (1999). *Defining Dress: Dress as object, meaning and identity*. Manchester: Manchester University Press.
- Jablon, S., Johnson & Wales University (2017). *Historical accuracy in costume design: Exploring a creative process, 2017 International Textile and Apparel Association, Inc.* St. Petersburg: Florida.
- Johnson, J. (2016). *The language of fashion: communication, conceptual clothing, and the runway performance* (Dissertação de Mestrado, Western Kentucky University). Disponível em: Kentucky. https://digitalcommons.wku.edu/stu_hon_theses/606/
- Krom, M. J. C. (2012). *Dances of Moors and Christians: history, legend and practice in three contemporary performances in Portugal, Spain and Brazil*. *Antropolítica - Revista Contemporânea De Antropologia*, 33, p. 119-140.
- Kuper, H. (1973). *Costume and Identity*. *Comparative Studies in Society and History*, 15(3), p. 348-367.
- Kwakyé-Opong, R. & Adinku, G. U. (2013). *Costume as medium for cultural expression in stage performance*. *Arts and Design Studies*, 8, p. 9-19.9
- Linke, P. P. (2013). *A moda, a indumentária, o traje popular e o figurino*. VI Congresso Internacional de História. Brasília: Brasil.
- Lipovetsky, G. (2002). *O Império do efêmero: a moda e seu destino nas sociedades modernas* (2.ª ed.). Rio de Janeiro: Companhia das Letras.
- Lipovetsky, G. (2007). *A Felicidade Paradoxal: Ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo*. Lisboa: Edições 70.
- Macedo, J. R. (2008). *Mouros e cristãos: a ritualização da conquista no velho e no Novo Mundo*.

Bulletin du centre d'études médiévales d'Auxerre, 2, p. 1-12.

Marietto, M. L. (2018). *Observação participante e não participante: contextualização teórica e sugestão de roteiro para aplicação dos métodos*. Revista Ibero Americana de Estratégia, 17(4), p. 5-18.

Marques, E. C. O. (2014). *O ensino de arte e a festa popular – festas de são João em Fortaleza e no Porto*. Revista Digital Art&, XII(15), p. 1-17.

Marques, L. M. & Brandão, C. R. (2015). *As festas populares como objeto de estudo: contribuições geográficas a partir de uma análise escalar*. Ateliê Geográfico, 9(3), p. 7-26.

Mattos, C. L. G. (2011). A abordagem etnográfica na investigação científica. Em Mattos, C. & Castro, P. (orgs)., *Etnografia e educação: conceitos e usos*. Campina Grande: EDUEPB.

Mello e Souza, G. (1987). *O Espírito das Roupas: A Moda no Século XIX*. São Paulo: Companhia das Letras.

Merlo, M. (2016). *Traje de tradição: elementos da contemporaneidade na cultura de rua*. Moda Palavra e-periódico, 18, p. 56-71.

Nagami, I. C. (2010). *Antropologia da performance: a experiência do cosplay e as ações performáticas*. Disponível em:

http://www.uel.br/eventos/sepech/sumarios/temas/antropologia_da_performance_a_experiencia_do_cosplay_e_as_acoes_performaticas.pdf

Pavis, P. (2005). *Dicionário de Teatro*. São Paulo: Perspectiva.

Pereira, C. S. (2004). *Fabricando Sonhos: ascensão social no mercado da moda*. Revista interdisciplinar de marketing, 3(1), p. 58-64.

Pereiro, X. (2006). *Património cultural: o casamento entre património e cultura*. ADRA, 2. Revista dos sócios do Museu do Povo Galego, p. 23-41.

Perito, R. Z. & Rech, S. R. (2012). *A criação do figurino no teatro*. Disponível em: http://www.coloquiomoda.com.br/anais/Coloquio%20de%20Moda%20-%202012/GT09/POSTER/102328_A_Criacao_do_Figurino_no_Teatro.pdf

- Pinto, M. (2000). *A Bugiada: festa, luta e comunicação*. IV LUSOCOM – Encontro Lusófono de Ciências da Comunicação. São Vicente: Brasil.
- Pinto, M. (2000). *A Festa da Bugiada: O S. João em Sobrado – Valongo*. Valongo: Ed. da Casa do Bugio.
- Pinto, M. (2011). *Rodney Gallop (2) - Bugios: seus trajés e sua dança*. Bugios e Mourisqueiros. Disponível em: <http://bugiosemourisqueiros.blogspot.com/2011/12/rodney-gallop-2-bugios.html>
- Pinto, M. (2013). *A Festa S. João de Sobrado: memória, identidade e futuro*. Congresso Património Imaterial, identidade, cultura e risco. Universidade do Minho: Centro de Estudos e Sociedade.
- Pinto, M. (2014). *Dicionário de Termos e Expressões sobre a Festa da Bugiada e Mouriscada* (Não publicado). Universidade do Minho: Centro de Estudos e Sociedade.
- Pinto, M., Ribeiro, R., Nunes, M., Araújo, E., Santos, L., Cunha, L., Gonçalves, A., Martins, M. & Durand, J.-Y. (2016). Bugiada e Mouriscada de Sobrado: a festa como património. *Congresso Ibero-Americano 'Património, suas Matérias e Imatérias'*. Lisboa: LNEC/ISCTE-IUL.
- Pires, B. (2012). *Tessituras epidérmicas, têxteis, visíveis e não visíveis – digressões sobre corpo nu, vestido, revestido*. 1st CIMODE. Universidade do Minho, Portugal.
- Ribeiro, M. (2004). *Festas populares e turismo cultural - inserir e valorizar ou esquecer? O caso dos Moçambiques de Osório, Rio Grande do Sul*. PASOS. Revista de Turismo y Patrimonio Cultural, 2(1), p. 47-56.
- Ribeiro, R., Pinto, M. & Lima, M. E. O. (2019). *Nota introdutória: ressignificações da festa e identidades comunitárias*. Revista Lusófona de Estudos Culturais, 6(2), p. 7-14.
- Roubine, J. J. (1998). *A Linguagem da Encenação Teatral*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Salek, R. (2017). *Pesquisa e ensino de escrita: letramento acadêmico e etnografia*. Revista do GEL, 14(3), p. 86-99.
- Santos, C. (2016). *O vestuário enquanto capital simbólico: o processo identitário juvenil*. eikon Journal on Semiotics and Culture, p. 85-96.
- Scholl, R. C., Del- Vechio, R., Wendt, G. W. (2009). *Figurino e Moda: Intersecções entre criação e*

comunicação. X Congresso de Ciências da Comunicação. Região Sul: Blumenau.

Simmel, G. (2005). *Da psicologia da moda: um estudo sociológico*. Em SOUZA, Jessé e OELZE, Berthold (orgs.) *Simmel e a modernidade* (pp. 160). Brasília: Editora UNB.

Teixeira, M. B. (2015). *O traje regional português e o folclore VII*. Lisboa: Observatório das Imigrações.

Valongo, C. M. (2019). *Bugios e Mourisqueiros*. Câmara Municipal de Valongo. Disponível em: https://www.cm-valongo.pt/cmvalongo/uploads/writer_file/document/621/Panfleto_Bugiada.pdf

Veblen, T. (1994). *The Theory of Leisure Class*. Londres: Penguin Books.

Vieira, S. (2005). *A Festa dos Foliões*. Artigos do Jornal Contexto e revistas. Disponível em: <http://revsamuca.blogspot.com/2005/02/festa-dos-folioes-harvey-cox.html>